UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

ANA PAULA POHREN

O MOVIMENTO ROESSLER PARA DEFESA AMBIENTAL E SEU PROJETO "FIM DA PICADA" COMO UM ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

RIO GRANDE
2010

ANA PAULA POHREN

O MOVIMENTO ROESSLER PARA DEFESA AMBIENTAL E SEU PROJETO "FIM DA PICADA" COMO UM ESPAÇO NÃO FORMAL DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre ao programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande. Área de concentração: Educação Ambiental não formal.

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues

RIO GRANDE

2010

“Tudo que não invento é falso...” [1]

Dedico esse trabalho ao mundo da imaterialidade, repleto de seres encantados como: fadas, gnomos, duendes, o pequeno/grande boneco de pano, Samurai-Zen, as corujinhas e os pirilampos companheiros inseparáveis nessa trilha do mestrado...

Também dedico aos meus antepassados, em especial à vó Minda!

[1] Fragmento da fala de Manoel de Barros extraído da série “Paixão pela Palavra” exibido pelo canal Futura em 2008.

AGRADECIMENTOS

Este é um espaço por demais precioso, é nele que manifesto toda minha gratidão por todos que de alguma maneira contribuíram para realização desta dissertação. Agradeço a meus antepassados, a minha família pelo apoio e compreensão do que para eles muitas vezes era algo incompreendido.

Agradeço a cumplicidade, e a paciência dos amigos nos momentos em que precisava conversar sobre as angustias, as descobertas que envolvem uma dissertação. Em especial a minha irmã nordestina Isaurinha|Gabi e as meninas da Gravataí,242 (meu refúgio) Simone e Julinha.

Agradeço também a todos aqueles que conheci e convivi durante o mestrado, como os professores, os colegas, o pessoal da secretaria, em especial ao secretário Gilmar por sua generosidade.

Agradeço a Victor (orientador) pelas descobertas que realizei ao longo do caminho. Aos membros da banca de qualificação pelas sugestões de leituras para materialização deste trabalho, quantas descobertas fascinantes.

Agradeço ao pessoal do Movimento Roessler, em especial ao pessoal do projeto “Fim da Picada” e os participantes da pesquisa.

Agradeço ao mundo da imaterialidade repleto de seres encantados, também agradeço ao mundo material que tornou palpável meus devaneios.

Agradeço ao menino do olhar verde, amado Pablinhu pela cumplicidade, companheirismo...

Por fim, mais do que agradecer quero desejar a todas essas pessoas queridas um mundo no qual seus sonhos despertos tenham lugar, e que suas almas sonhadoras vivam em “anima”. Cada um com sua delicadeza tornou o caminho dessa dissertação, um lugar de poesia e encantamento com a vida.

GRACIAS!!!

SUMÁRIO

Dedicatória..... ii

Agradecimentos..... iii

Índice de Figuras..... vi

Índice Anexos..... vii

Resumo..... 1

Abstract 2

CONSIDERAÇÕES INICIAIS – Começo(s) do caminho 3

CAPÍTULO I – NA TRILHA DO MOVIMENTO ROESSLER: A POSSIBILIDADE DE UM CAMINHO AMBIENTAL 19

1.1 Caminhos da pesquisa 23

1.2 Em busca das trilhas possíveis 28

1.3 Henrique Luís Roessler, mas quem é ele? Ah, esse cara é do .....**#@∞! 31

CAPÍTULO II – PROCURANDO ANA: FORMAÇÃO DE UMA EDUCADORA AMBIENTAL ATRAVÉS DE IMAGENS POÉTICAS (MEU CAMINHAR): MÚSICAS, FILMES, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA ESCOTISTA, DIFERENTES TRILHAS DE UM IMAGINÁRIO ONÍRICO 38

2.1. Vivências no movimento escotista 42

2.2. A caminhada de volta às origens pela poesia de Manoel de Barros....43

2.3. Pelas trilhas do imaginário onírico: um encontro com as estórias dos seres encantados e o espanto com o mundo em miniatura 49

2.4. Das últimas trilhas – a certeza de minhas escolhas: educação, ambiente e liberdade .,..... .60

CAPÍTULO III – AS TRILHAS DO PROJETO “FIM DA PICADA” E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL 63

3.1 A primeira trilha: o abril que virou maio de 2008 68

3.2 A segunda caminhada: junho de 2008..... 70

3.3 O terceiro encontro: setembro de 2009 72

3.4. Quarta vivência: março de 2010 75

3.5. Caminhando com os trilheiros do projeto “Fim da Picada”: um diálogo interpretativo de suas falas 76

CONSIDERAÇÕES FINAIS - CONSTRUINDO CAMINHOS, TRILHAS E RUMOS COM PEDRAS 86

REFERÊNCIAS 89

ANEXOS 94

ÍNDICE DE FIGURAS

Foto 1. Parque dos Paredões, Canela, Rio Grande do Sul..... 40

Foto 2. Projeto "Fim da Picada", junho de 2009, trecho de trilha da estrada de Picada Café..... 71

Foto 3. Projeto "Fim da Picada", maio de 2008, mirante Morro das Cabras –Sapucaia do Sul. Contemplação e descanso..... 72

Foto 4. Projeto "Fim da Picada", setembro de 2009, com destaque para o grupo de caminhantes reunidos no meio do caminho para fotografia no clima aprazível do mirante da paisagem no Parque dos Paredões, Canela, Rio Grande do Sul. 73

Foto 5. Projeto "Fim da Picada", setembro de 2009, com destaque para a Cachoeira Véu-de-Noiva" ao fundo. Parque dos Paredões, Canela, Rio Grande do Sul. 74

Foto 6. Projeto "Fim da Picada", março de 2010, com destaque para alegria sorridente do grupo após um banho de chuva. Santa Maria do Herval, Rio Grande do Sul. 76

ÍNDICE ANEXOS

Anexo 1. O Projeto "Fim da Picada" da ONG Movimento Roessler para Defesa Ambiental, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. 94

Anexo 2. Crônicas de Henrique Luís Roessler, publicadas no Suplemento Rural do jornal Correio do Povo. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. 96

Anexo 3. Folheto do projeto "Fim da Picada", apresenta através de ilustrações, não só o roteiro da caminhada, mas também um pouco da história dos colonos alemães, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Destaque para o atual Museu Casa de Schmitt Presser 108

Anexo 4. Questionário semi-estruturado, aplicado aos participantes do projeto "Fim da Picada", entre o período de 2009 -2010 109

Anexo 5. Um diálogo de orientação virtual entre Victor Hugo (orientador) e Ana Paula (orientanda) – refazendo a trilha dissertativa do mestrado em Educação Ambiental, entre as 0:00 e as 4:00 da madrugada, numa trilha virtual pelo MSN. 110

RESUMO

Este estudo pretende compreender se o projeto “Fim da Picada” com suas trilhas ambientais, desenvolvido a mais de uma década pela ONG ambientalista “Movimento Roessler para Defesa Ambiental”, que atua a aproximadamente trinta anos na região metropolitana de Porto Alegre-RS, pode ser considerado um espaço de Educação Ambiental não formal. O presente estudo se justifica na medida em que busca reconhecer tal projeto como uma ponte para o deslumbramento de seus participantes com um mundo em miniatura, repleto de detalhes e possibilidades para experenciar relações mais harmônicas consigo mesmo, com os demais caminhantes e com os ambientes de natureza não humana. Considerando a reverberação das vivências impressas em seus cotidianos, uma mudança nos sentimentos é percebida como potencial propulsor de atitudes pró-ambientais, baseadas no respeito e amorosidade com toda, e qualquer, forma de vida existente. A metodologia empregada neste estudo apóia-se em uma pesquisa de cunho qualitativo, envolvendo observações participantes e questionário semi-estruturado, mediados pelas teorias de Gaston Bachelard, Humberto Maturana, Leonardo Boff, entre outros. As repercussões desta proposta buscam estabelecer o quanto a experiência do contato direto com a natureza não humana pode, e deve despertar em seus participantes uma mudança de sentimentos, através de um emocionar comprometido e responsável com o outro, e com o todo. Pois o caminhante ao refletir sobre o seu modo de andar, e os demais elementos que o cercam, pode experimentar também a oportunidade de percorrer trilhas internas, que o conduzam a novos caminhos para o reconhecimento de si mesmo, reencontrando sua essência solidária, enquanto seres constituídos e constituintes do AMOR.

Palavras - chave: Educação Ambiental – trilhas – imaginário.

ABSTRACT

Its work focuses on the project "The End of The Sting" with its environmental trails developed about a decade for environmentalist ONG Movement for the Defense Environmental Roessler about thirty years of existence and in the metropolitan region of Porto Alegre \ RS can be considered an effective area of Environmental Education. This proposed work is justified insofar as it seeks to recognize the above-mentioned project as an effective experience of environmental education, in which participants glimpse into possibilities of having such an experience more harmonious relationships with themselves and once with the environments of non- human. Coming to reverberate in their daily change of feelings that can cause pro-environmental attitudes of respect, loving with all forms of life in the universe. The methodology of this study is based on a qualitative research with focus as participant observation linked the theory of the philosopher Gaston Bachelard, Leonardo Boff, Humberto Maturana and others. The implications of this study attempted to understand how the experience of direct contact with nonhuman nature can awaken in its participants a change of heart, a thrill committed and responsible to the planet, thanks to its internal trails, paths of knowing ourselves and our essence of being constituted and constituent of love.

Key Words: Environment Education - trails - imaginary

CONSIDERAÇÕES INICIAIS – começo(s) do caminho

"No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fatigadas

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
Tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra."

Carlos Drummond de Andrade - No Meio do Caminho[1]

Tenho tanto pra dizer sobre o que sinto... Meus sentimentos, tristes, alegres. Quero falar sobre esse caminho, que tanto insisti e que agora sinto vivo, mas que não tem início neste instante em que escrevo. No entanto, está presente neste momento, mas também está lá atrás, disperso no tempo que percorri. Não consigo definir no relógio, porque é dinâmico tudo o que ressoa dentro e através de mim. Algo muito delicado e pessoal...

Queria poder emocionar as pessoas pela felicidade da minha escrita contida nessa dissertação. Para tanto, preciso me alimentar espiritualmente, ter sentimentos bons, para que a minha alma transborde de alegria enquanto escrevo. Foi necessário mudar meus sentimentos em

[1] Poema de (1902-2002) In Alguma Poesia, 1930

relação à trilha deste mestrado e refazer o caminho que me levou até ele (espero que me acompanhem).

Muito desta dificuldade em materializar sonhos é parte de um processo que vivemos num dado caminho. Quem nunca viveu a gratuidade na beleza de um detalhe? Quem nunca se espantou maravilhado com um instante? É está vida que tanto queremos e esta busca que percorremos, ou que ao menos deveríamos percorrer. No entanto, ainda sofremos por não mais acreditar nesses sentimentos e duvidamos do caminho que trilhamos. O medo que sentimos muitas vezes nos paralisa completamente.

Quando paro para refletir sobre o processo da minha escrita, lembro da minha “deformação” acadêmica. Chamo de deformação hoje, pois ele se dava pelo embate, na resolução do problema através do conflito. Aprendi a construir meu intelecto através da disputa pela razão, tratorando “verdades”.

Hoje, não desejo mais ser desse jeito e ser movida por esses sentimentos de vaidades mesquinhas. Mas ainda encontro dificuldades neste novo caminho. Estou em transição, em um movimento incessante na direção das mudanças.

Porém, antes de continuar por este caminho faz-se necessário refletir sobre uma experiência que marcou o meu andar. Estava no começo do curso em março de 2008, meu primeiro ano de mestrado, e durante uma disciplina fui solicitada a apresentar o tema de minha pesquisa: “O Movimento Roessler e seu projeto de trilhas ambientais como um espaço não formal para a Educação Ambiental”. Neste momento ainda estava construindo este projeto, buscando elementos para fundamentá-lo. Por tanto, muitas dúvidas e perguntas também estavam latentes dentro de mim.

Após uma breve exposição dos objetivos e justificativas do tema que pretendia desenvolver, fui surpreendida pelas indagações da

professora responsável pela disciplina. Nada mais natural, penso hoje! Mas, dentre os questionamentos, um em especial me marcou profundamente e o considero um incidente, e ao mesmo tempo uma grande oportunidade de crescimento, acadêmico-espiritual, no meu caminhar.

"*Ana, me desculpe, eu acabo de vir de um evento sobre Educação Ambiental, no qual percebi o quanto nossas formas de ver a questão ambiental são muitas vezes demasiadamente ingênuas [...] Esse trabalho, que estás querendo investigar, é por vezes uma visão romantizada da Educação Ambiental [...] Ana, serão as trilhas um shopping de natureza?"* E arrematou sem o menor cuidado: *"Ana, mesmo que esse projeto de trilhas seja um efetivo espaço de Educação Ambiental, ainda assim, ele merece ser PROBLEMATIZADO".*

A partir daí, um abismo se abriu diante dos meus pés. Me atirei num túnel vazio, escuro, frio. Não via um fim neste buraco negro. Fui caindo, caindo, caindo! Comecei a ver meu trabalho sob uma perspectiva muito diferente da que um dia sonhei. Não cheguei a odiá-lo, mas passei a vê-lo como algo insignificante, sem a menor contribuição para Educação Ambiental.

Mas, será que a reflexão e o aprendizado só se dão pelo PROBLEMA? Será que o foco deve estar restrito ao PROBLEMA? Será que as mudanças só surgem quando observamos as falhas? Será que as falhas não nos cegam e direcionam nosso olhar apenas para o PROBLEMA?

Subitamente, todos os sentimentos de felicidade, entusiasmo que me faziam bailar durante o meu dissertar foram me paralisando pelo caminho. A música alegre que embalava minha dança começava a falhar, dando lugar a paralisia, medo, angustia, e a uma triste incerteza.

Eu parei de sonhar! Afinal, dissertar sobre algo tão "banal", como a forma com que a professora havia se referido naquela ocasião não

possuía mais sentido. Como alguém podia ver/dizer aquilo? Como podia achar ingênua, romântica e desprezível, em termos ambientais, a experiência direta do contato com a natureza através de trilhas, que buscam resgatar uma outra forma de se relacionar com o outro através da gratuidade do afeto e do respeito? Será que nós, seres humanos, nos relacionamos com o ambiente apenas de uma maneira consumista? Queremos simplesmente explicar para melhor dominar os outros (seres?) e a nós mesmos?

Essas questões me afetaram de tal maneira, que ainda hoje se manifestam no meu ser, a ponto de fazer desacreditar em tantos sonhos... Minha escrita foi ficando fria, racionalizada, sem vida, definitivamente não mais me reconheci. Fui parando de sentir e simplesmente adormeci. A chama incandescente do fogo que fazia queimar minha alma onírica foi minguando, quase ao ponto de não mais enxergar o caminho. Perdi o foco e mergulhei na escuridão de meus sentimentos mais vazios. Durante este sofrimento fui vítima de um monstro que deixei crescer dentro de mim, como um eco ensurdecedor...

Todavia, uma luta diária foi posta diante de mim: uma Ana racional, que a todo momento reprime a Ana que sonha em viajar por seu onirismo e que deseja manifestar sua criatividade entregue ao mundo encantado de magia e aventura. Esta outra Ana, não deseja cair em sensatez e não quer a boa razão das coisas, assim como Manoel de Barros “quero o feitiço das palavras” [2]. Durante este processo de mudança, ao qual também me referi anteriormente, me permiti experimentar outros sentimentos. No entanto, também temi pela Ana racional que a todo instante tudo quer julgar.

Quando me penso como educadora, trago na memória alegrias de recordações infantis, de uma criança integrada e disponível à gratuidade

[2] Fragmento da fala de Manoel de Barros extraído da série “Paixão pela Palavra” exibido no canal Futura 2008

de uma relação baseada no brincar. Onde o poder da descoberta no encanto de um encontro com o mundo, seu colorido e seus perfumes, são traduzidos por um corpo em devaneio que baila com a vida. No interior de mim mesma revirei minhas inquietudes para deixar brotar toda clareza intuitiva, que aqui traduzo em passos de dança nesta trilha onírica, que embora transcrita, transcende... Enquanto Ana(s) percorre(m) trilhas imaginárias.

Ao seguir pelas trilhas, quantas pedras no caminho? Por isso, atenção para o caminho que estou seguindo e as pedras que o cercam! Porque foi na trilha principal, esta do mestrado, que eu me perdi quando menos esperava! Eu, com formação nas Ciências Humanas, mais especificamente tendo cursado História (Licenciatura Plena). Justamente eu, que obtive ótimo desempenho na prova escrita durante a seleção deste programa de mestrado.

Não quero dar a entender, aos que me lêem, a falsa impressão de uma repulsa! Muito pelo contrário, pois a Ana de hoje é em muito fruto desta vivência, de um caminho por inteiro, em um mundo de descobertas, que ampliaram meus modos de ver a vida e minha visão de mundo. Nessas dificuldades expostas e na mudança na forma de compreender a escrita, meu orientador foi fundamental, pois em seus ensinamentos aprendi sobre a graça contida nas palavras, apesar de todo o “peso” contido no corpo de um texto carregado de idéias e valores.

Desta reconstrução surge o educador onírico, num balanço delicado de avanços e retrocessos, que adquirindo sentidos, caminha, enxerga, desperta e torna a sonhar, deslumbrado pelas florestas de nós mesmos. Aos poucos abandono meu positivismo e me desapego do concreto. Do ver para compreender.

> Em nossa cultura patriarcal, vivemos na desconfiança e buscamos certeza em relação ao controle do mundo natural, dos outros seres humanos e de nós mesmos. Falamos continuamente em controlar nossa conduta e emoções. (MATURANA, 2006, p.37)

Neste contexto, optei por não abordar de forma cartesiana, o tema ora proposto. Não queria restringir esta discussão, dissertando apenas sobre o surgimento das trilhas e seu histórico na Educação Ambiental. Do contrário, somos tentados, a todo momento:

> [...] convencer e corrigir uns aos outros. E somente tolerarmos o diferente confiando em que eventualmente poderemos levar o outro ao bom caminho-que é o nosso-, ou até que possamos eliminá-lo, sob a justificativa de que está equivocado. (MATURANA, 2006, p.38)

Muito desta angustia, foi fruto de um processo que me permiti vivenciar e hoje, sou grata a todas as dúvidas da Ana racional que ficou ruminando pensamentos e decantando frustrações, para que fosse possível reinventar vida através da escrita, cuja a trilha dissertativa tanto instiga meu caminhar ambiental.

Neste ponto manifesto a transição de perspectivas materializadas na humilde aceitação desta aventura. O mundo miniatura causa espanto imaginário ao corpo que devaneia e outrora segue sonhando.

Contudo, alguns meses antes, em outro momento desta trilha, no tempo da escrita do projeto de qualificação associei este estudo a uma espécie de bailado. Nesta dança, os bailarinos eram os participantes da trilha “Fim da Picada”; o tablado, palco de sustentação do dançar, era a fundamentação teórica; e a metodologia, equivalia aos passos do bailado. A dança enquanto leveza de um comunicar feliz com o cosmos.

E, com essa leveza me aproximei do Victor Hugo, e passei a entender a orientação que estava recebendo. Considero Victor Hugo um louco, mas não um louco no sentido pejorativo, mas um louco como Nietzsche já dizia: “[...] um sábio é também um louco”. (2005, pg.299)

Ao mesmo tempo, na trilha do mestrado, também me permiti percorrer vários caminhos entre as disciplinas oferecidas. Dentre todos os percursos, entre as disciplinas obrigatórias e opcionais, destaco a seguir as trilhas que acredito terem influenciado meu processo de

pesquisa. Cada uma a sua maneira contribuiu para que eu ampliasse os horizontes de meu entendimento.

No primeiro ano do mestrado, as experiências mais significativas, para vislumbrar minha pesquisa, foram as seguintes disciplinas: “Estética e Educação ao Ambiental”, com o professor Pablo René Estévez; “Fundamentos filosóficos da Educação Ambiental”[3] com o professor Sírio Lopes Velasco. E a disciplina de “Fundamentos de Ecologia de Sistemas” ministrada pela professora Margareth Copertino e pelo professor Milton Asmus.

As aulas do professor Pablo foram para mim um viajar em outro ritmo. Digo isso, pois como o professor em questão é cubano, sua fala em espanhol já tornava os encontros sonoramente mais interessantes. Quanta calma e delicadeza no seu tom e jeito de falar. Em suas aulas pude perceber o quanto a questão estética estava intimamente ligada com a temática da minha pesquisa, na medida em que, as experiências do contato direto com a natureza não-humana através das trilhas, podem nos suscitar reflexões quanto à valoração estética dos ambientes naturais. Ou seja, sua legitimidade de existência para além de valores de consumo, ou ainda a natureza não humana vista apenas como recurso natural.

Nesse mesmo ano, tive o privilégio de ser estudante na disciplina do professor Sírio. Professor este que já havia tido a oportunidade de vê-lo palestrar em outros momentos e que muito me despertava para as questões ambientais. Nas aulas pude aprofundar a compreensão das

[3] A partir da preocupação interdisciplinar que permeia a filosofia do curso de Mestrado em Educação Ambiental, a disciplina tem como objetivo a integração de elementos e perspectivas oriundas das diferentes ciências envolvidas, no sentido da construção de um patamar epistemológico mínimo para a compreensão das relações e mútuas implicações que se estabelecem entre as diferentes variáveis que compõe a problemática ambiental. Conceito de educação ambiental a partir da filosofia da educação. Filosofia da educação ambiental na abordagem problematizadora. Educação ambiental; critica e propostas face à sociedade atual. Filosofia dos movimentos ambientalistas e educação ambiental.

relações e mútuas implicações que se estabelecem entre as diferentes variáveis que compõe a questão ambiental.

Nas suas aulas me chamava à atenção a uso de um copo de vidro que o professor trazia consigo para beber água nos intervalos de sua fala. Um detalhe que passava despercebido para a maioria de meus colegas, pois quando eu comentava poucos haviam percebido. Outro ponto que me despertou para essa disciplina foi à realização do trabalho final, onde deveríamos transbordar nossa imaginação utópica em relação a um outro mundo possível. Um mundo comprometido com a existência harmônica de todas as formas de vida existentes, cuja base teórica deveria ser pautada pela teoria do “ecomunitarismo”, pensada e defendida pelo professor Sírio. A partir destas aulas fui entendendo o real sentido de natureza, ou seja, que natureza não diz respeito apenas ao ambiente natural externo, mas que nós seres humanos também somos constituídos e constituintes de natureza.

A disciplina de fundamentos da ecologia de sistemas foi válida para o aprendizado e compreensão dos processos ecológicos que sustentam a natureza não humana e humana, com um aprendizado que proporciona uma base comum para a aproximação e o nivelamento do entendimento sobre ecossistemas, níveis de energia e biomas variados. Ou seja, ao tratar dos aspectos ecológicos, a disciplina amplia a visão sobre a questão ambiental, tornando mais simples a percepção da crise civilizatória em que vivemos. Todavia, percebi no decorrer dessa disciplina o quanto muito de meus colegas tinham dificuldade com essa abordagem mais biológica. As aulas sempre foram polêmicas, com trabalhos abordando assuntos exaustivamente problematizados por todos nós. Em vários momentos pensava se o que tanto discutíamos na academia sobre a dificuldade das ciências ditas “duras” dialogarem com as ciências humanas, não estava sendo experimentado ali, no próprio curso. Percebia o quanto nós, formados nas ciências humanas demonstramos grande dificuldade em dialogar com o novo, e com o

diferente. A dificuldade em aceitar outros conceitos de forma aberta para o conhecimento que nos estava sendo apresentado.

Foi nesta disciplina que vivenciei a experiência mais significativa e prazerosa, através de uma saída de campo realizada com a turma. Um dia bastante intenso, de muita satisfação, pois transcendemos o espaço formal. Entre a manhã e a tarde, passamos o dia percorrendo diferentes lugares da cidade de Rio Grande. Andamos por algumas trilhas de mata mais fechada paralela a estrada Rio Grande/Cassino, parando para informações sobre a fauna e a flora do local. Após alguns registros fotográficos, partimos em direção ao super porto. Para observarmos a cidade sob outro ângulo, enquanto informações ecológicas sobre os ecossistemas que compõem a paisagem rio-grandina nos eram passados. No entanto, destoando do contexto, alguns casebres erguidos num lixão, perto das imediações do porto, se destacavam na paisagem em condições precárias. Tudo parecia tão distante de nossa percepção rio-grandina. Viajávamos em um micro-ônibus de um lugar para outro, mais que isso, convivíamos! Cercados de uma energia calorosa seguíamos compartilhando quitutes, em uma espécie de lanche coletivo, enquanto também socializávamos descobertas em uma cidade encantadora para além do campus da FURG.

Com um grupo formado, seguimos nossa “aula-passeio” rumo ao entreposto de hortaliças da cidade de Rio Grande. O objetivo: atravessar a Ilha dos Marinheiros. Durante a travessia também podíamos contemplar as paisagens por outros olhares de quem vê a cidade pelas águas. Atracamos no lugarejo e seguimos através de um jardim. No local também havia uma casinha em miniatura, novamente tiramos fotos, e por alguns instantes todos voltamos a brincar como crianças. O sol estava radiante, e o forte calor nos cansava durante a caminhada. Todavia um banho refrescante nos aguardava. Na lagoa passamos um tempo desfrutando aquele momento. Com ânimo e baterias “recarregadas” seguimos pela Ilha em direção a colônia de pescadores, dividindo o espaço da trilha em plantações de hortaliças verdejantes e quintais coloridos pelas flores.

Logo avistamos um balanço embaixo de uma árvore e mais uma vez nos permitimos ser criança, reembalando os sonhos sobre aquela sombra magnífica. No fim do dia partimos de volta a Rio Grande. O sentimento era de muita satisfação e alegria pelo convívio tão singular, onde o belo e o jeito simples de ser, e viver, compartilham o dia-a-dia. Uma palavra define esse momento, encantamento.

No ano seguinte, as maiores contribuições para o meu caminhar foram obtidas nas disciplinas de: “Ecologia Onírica” com Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães Rodrigues; “Utopias Concretizáveis” com a Profa. Dra. Cleusa Peralta; “Arte e Ecologia” com o Prof. Dr. Carlos Alexandre Baumgarten e por último destaco uma breve passagem pelo seminário “As três Ecologias” ministrado pelo Prof. Dr. Alfredo Martín.

Na disciplina de então, Ecologia Onírica[4], ministrada pelo professor Victor Hugo fui entendendo o quanto o conceito de ecologia é bastante amplo, e assim aos poucos fui assimilando que nossa casa, ou seja, nosso eu, nosso corpo\ambiente deve ser um espaço de “sonhos” despertos, onde nossa imaginação tem lugar para devanear um mundo de possibilidades. Devaneios alimentados por sentimentos de felicidade, alegria em comunhão conosco e com o cosmos. A cada aula experiências de esperança para um mundo feliz. A contribuição dessa disciplina para pensar minha pesquisa foi se dando na medida em que, consegui associar as experiências do contato direto com natureza não-humana, através das trilhas, como um espaço, no qual nossa percepção do ambiente poderia ser reflexo da nossa própria trilha interior. Ambientes interno e externo se fundiriam numa viagem do espanto imaginário pelo maravilhamento com o mundo, para possibilitar a reconstrução de outro.

[4] Discussão filosófica do conceito, importância, limites e possibilidades da ecologia onírica, como ponto de convergência da educação ética, educação estética e educação ambiental. Investigação das experiências imaginárias utópicas concretas dos sujeitos sonhadores. Análise dos subsídios para o autoconhecimento e o comprometimento dos pesquisadores nos espaços formais e informais de educação, visando a formação de seres integrais e a criação e invenção de um mundo novo)

Já na disciplina da professora Cleusa Peralta vivenciamos a partir de visitas ao Sítio Talismã, a implementação de um ambiente ideal pensado dentro da lógica da permacultura, da agricultura orgânica e do respeito harmônico. Um sítio ecológico, uma utopia concretizável! Desta experiência percebi que os sonhos são possíveis... Com trabalho, carinho e dedicação, um outro mundo é (re) construído. Ficou claro o quanto somos dependentes e que nossa relação com o ambiente, conosco e com os outros seres humanos, deve ser pautado pelo respeito mútuo com qualquer forma de vida. [5]

As aulas do professor Baumgarten foram enriquecedoras para reconstruir um olhar com a questão ambiental sobre a perspectiva da manifestação artística nas suas mais variadas linguagens, enfatizando a mudança de percepção de cultura e relação com a natureza ao longo do tempo. Através das leituras das grandes tragédias literárias foi demonstrado o quanto a questão ambiental é em parte fruto da forma como o homem moderno, contemporâneo tem se relacionado com o ambiente, com a arte e com os outros. Na sociedade somos fruto dessa sensação de não pertencimento. Olhamos o mundo como espaço único de nossas satisfações. E nessa trajetória, damos lugar ao ter em detrimento do ser. As reflexões dessa disciplina contribuíram para a compreensão da experiência das trilhas como oportunidade para o contato direto com a natureza não humana, permitindo vivências e

[5] Utopias concretizáveis: um recorte sobre a educação ambiental em Rio Grande, a partir da práxis preservacionista-conservacionista da década de 1990 ao enfoque socioambiental da agroecologia; A categoria *utopia concreta* (BLOCH, 1959; WALGENBACH, 2000) pelo viés dos programas de EA interdisciplinares artes-ciências do ambiente na rede de educação formal e a categoria *emancipação* (FREIRE, 1976, 2001; MÉSZÁROS, 2005) junto aos agricultores em transição agroecológica na educação não formal; O caráter pedagógico do Teatro do Oprimido na EA não formal (BOAL, 1983).

reflexão sobre a nossa relação com a natureza, seja ela humana ou não humana. [6]

A passagem pelo seminário oferecido pelo professor Alfredo Martín aconteceu de maneira inusitada. Não havia me matriculado nesta disciplina, mas durante os encontros com alguns colegas fiquei sabendo que seria oferecida uma experiência com fotografias, utilizando as técnicas do *"pinhole"*. Fiquei entusiasmada com tal possibilidade, a vivência no laboratório de revelação, as imagens captadas e encantadoramente, reveladas ao olhar espantado. Essa vivência foi tão importante, que deu origem a um painel, cujo resumo submeti ao VI Congresso Ibero Americano de Educação Ambiental, ocorrido na Argentina em setembro de 2009, com o título: "Por uma Educação Ambiental do Espanto Imaginário através do *Pinhole*".

Aproveito para também destacar relevantes impressões do meu caminhar durante o VI Encontro Ibero Americano de Educação Ambiental. Durante a cerimônia de abertura que aconteceu num parque aquático na cidade de San Clemente de Tuyu, balneário turístico da região, todos participantes se reuniram em uma imensa tenda de lona. Pessoas de diferentes idiomas, origens e culturas compunham um local de riqueza sem tamanho. Todos dispostos em dialogar sobre a temática ambiental, com as mais diversas formas de ver e pensar a Educação Ambiental.

No entanto, para minha surpresa, poucas pessoas se mostravam dispostas a participarem organicamente daquele momento único que estávamos vivenciando, quanta dificuldade eu e algumas pessoas do meu

[6] Arte e Sociedade. Arte e Ideologia. O discurso artístico e o discurso político: unidade e diversidade. As manifestações artísticas e a questão ambiental na história da arte ocidental: dos gregos à modernidade. A focalização da natureza através de diferentes formas simbólicas de representação: a linguagem cinematográfica, a linguagem teatral, a linguagem literária e a linguagem musical. Arte e ecologia hoje: comprometimento e alienação. Cultura popular e cultura de massa: a discussão do problema ambiental. O discurso ecológico e sua repercussão no âmbito das manifestações artísticas contemporâneas.

grupo encontrávamos para nos concentrarmos na apreciação da apresentação, diante de tanta interferência vinda do barulho de conversas paralelas, pessoas caminhando num entra e sai da tenda. Numa total desconexão com o que estava acontecendo naquele instante. Neste contexto percebi o quanto são contraditórias nossas ações, por mais engajado que possam parecer nossos discursos. Daquela ocasião até hoje penso sobre como pessoas se constroem como educadores. Quanta dificuldade para sustentar pequenas relações do cotidiano.

Portanto, neste caminho que percorri, de tantos começos e desencontros, compartilhei com professores e também com meus colegas, não apenas novos conceitos, e diferentes maneiras de olhar a questão da Educação Ambiental, mas também pude percorrer uma trilha que me reconduzisse a minha pesquisa, reconectada através das diferentes "Anas".

Após estas experiências enriquecedoras percebo o sentido e o porquê desta pesquisa. Fica claro, a pertinência do presente estudo em Educação Ambiental não formal, como parte do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande (PPGEA/FURG) [7]: as trilhas ambientais desenvolvidas pelo Movimento Roessler - um espaço não formal de Educação Ambiental, que estabelece uma dimensão "ética-éstetica" entre os participantes do projeto "Fim da Picada" e todo o restante da natureza não-humana envolvidos no caminho percorrido.

[7] Este Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental busca um estudo das questões sócio-ecológico-ambientais enfatizando a dimensão ética-estética, a diversidade e alteridade dos grupos sociais. Nas relações de gênero, as gerações humanas em todas as suas idades, o desenvolvimento humano e sistêmico, a compreensão da interligação dos espaços ambientais, da saúde coletiva e da qualidade de vida dos sujeitos e das instituições e organizações sociais. Sua proposta visa o comprometimento dos pesquisadores envolvidos na restituição dos resultados dos trabalhos às comunidades investigadas (princípio e fim das pesquisas), assim como a participação de comunidades integradas nos processos decisórios do manejo de ecossistemas preferencialmente costeiros em busca da construção coletiva de sociedades sustentáveis e utopias concretizáveis.

Nesta caminhada tive muitas companhias, mas uma em especial. Acredito que as corujas foram a manifestação da orientação que recebi no mestrado, que não por acaso foi conduzida por um professor de Filosofia. E como sabemos a coruja é o símbolo da Filosofia e se imortalizou para nós modernos com uma frase de Hegel que nos diz: “a coruja levanta vôo somente ao entardecer”. Nesta frase o autor quis fazer uma alusão ao papel da Filosofia na nossa sociedade, ou seja, assim como as corujas devemos alçar nossos vôos (reflexão\razão\sabedoria) para elucidar o que não é claro ao senso comum, por isso essa capacidade de enxergar com clareza na noite, ao entardecer quando a sociedade se recolhe.

Com a orientação de Victor Hugo por meio das corujas eu fui conduzida a seguir essa trilha do mestrado, com seus diversos caminhos ao longo desses quase três anos. Caminhos trilhados em todas as direções, ora para o sul, ora para leste, oeste e norte me proporcionaram um visão mais ampla do caminho, assim como a capacidade das corujas de girar a cabeça 360 graus e ver tudo ao seu redor, com total amplitude eu me dispus a percorrer esse caminho do filosofar, para me por em constante reflexão sobre as escolhas e a forma como caminhei na busca para realização dessa dissertação de mestrado sobre trilhas.

Trilhas que me conduziram a descobertas inimagináveis repletas de seres encantados da imaterialidade (gnomos, fadas...) e também seres encantadoramente humanos, como os professores com seus aprendizados, os colegas com suas trocas, os amigos com palavras de incentivo nas horas difíceis, os participantes da pesquisa sempre solícitos em contribuir com o trabalho, um amado cúmplice, a família e seu apoio incondicional, e por fim o ser mais onírico que tive o privilégio de conhecer, meu orientador filosofo Victor Hugo Guimarães Rodrigues.

E assim, tendo a coruja como guia te convido a adentrar em meu universo imaginário, minhas trilhas internas e externas, para que possamos construir a nossa caminhada, pela atividade complexa que foi minha escrita e que agora se transmuta através de tua leitura.

Dessa forma fui compondo meu caminho através dessa dissertação, e seus passos estão impressos nos seguintes capítulos:

No primeiro capítulo apresento ao leitor um pouco da História de militância de Henrique Luiz Roessler, em seguida faço uma espécie de contextualização do espaço- tempo desta pesquisa. Para tanto, apresento a ONG ora pesquisada, na forma de um breve histórico de sua origem e forma de atuação pela causa ambiental. Em seguida trago um relato das escolhas metodológicas, teóricas ao longo dessa caminhada, enfatizando os erros e os acertos dessa trajetória. Ainda dentro desta proposta apresento um breve, mas direcionado, levantamento bibliográfico a respeito da temática das trilhas em periódicos impressos e virtuais do PPGEA.

No segundo capítulo convido o leitor a percorrer junto comigo uma diversidade de caminhos, os quais foram essenciais na minha formação enquanto Educadora Ambiental. Nesta escrita é possível perceber uma entrega por caminhos até então inimagináveis, pois eles são carregados de onirismo e dão sentido a Educação Ambiental que acredito e "defendo" como legítima para contribuição de um mundo de pessoas felizes, assim como a missão do PRONEA[8]. Para tanto é com enorme satisfação que apresento os teóricos com quem dialoguei, e os quais referendei como fundamentação teórica do respectivo estudo.

No terceiro e último capítulo apresento ao leitor as relações possíveis entre o projeto "Fim da Picada" e a Educação Ambiental, enfatizando as experiências do contato direto com a natureza não humana, como espaços de aprendizagem no qual resgatamos nossa essência de seres constituídos e constituintes de amor, emocionados pelo nosso ethos do cuidado, que nos torna respeitosos e responsáveis com nos mesmos e com o outro. Também neste mesmo capítulo trago minhas

[8] O Programa Nacional de Educação Ambiental tem como sua missão à construção de sociedades sustentáveis com pessoas atuantes e felizes em todo Brasil.

impressões referentes às participações em quatro trilhas do projeto “Fim da Picada”. Ao final do capítulo evidencio o que considero uma espécie de resultados da pesquisa e que são legitimados através das respostas dos participantes junto ao questionário semi-estruturado.

Nas considerações finais faço uma reflexão dos caminhos percorridos durante o mestrado, buscando evidenciar as transformações que fui vivenciando, e o quanto as mesmas representam meu processo de constituição na Ana educadora ambiental.

CAPÍTULO I - NA TRILHA DO MOVIMENTO ROESSLER: A POSSIBILIDADE DE UM CAMINHO AMBIENTAL

Entre 2008 e 2010 foram realizadas coletas de dados junto a sede do Movimento Roessler em Novo Hamburgo, Rio Grande do sul, envolvendo registro de atas, análise de estatuto, entre outros documentos, sobre a entidade civil organizada e suas principais atividades. Neste ínterim, também foram realizadas observações participantes e aplicação de questionário semi-estruturado.

De acordo com Carvalho (Educação Ambiental: A formação do sujeito ecológico, 2004) os primeiros passos do movimento ecológico ocorreram nas décadas de 70 e 80 do século passado, embalados pelo movimento contracultura que se espalhava pelo Hemisfério Norte. A euforia utópica, na busca por transformação da sociedade vigente, possibilitara aos jovens a ousadia de sonhar com um mundo ideal baseado em relações de convivências mais harmônicas entre os seres. Do contrário a ordem vigente naquela época, e ainda hoje é regido por um modelo social pautado na matéria (produto) e de consumo.

Sob esta mesma ótica, um grupo de jovens estudantes da Instituição de ensino (Fundação Evangélica), localizada na cidade de Novo Hamburgo, região metropolitana de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, apoiados por professores da referida instituição de ensino, fundaram uma entidade civil organizada, chamada Movimento Roessler para Defesa Ambiental.

O marco para a fundação desta ONG foi o desastre ambiental ocorrido na praia do Hermenegildo, porção Sul do litoral Gaúcho, onde o navio cargueiro Taquari encalhou em 1971 deixando vazar seus produtos químicos por mais de sete anos, sem que as autoridades tomassem qualquer atitude. Neste período milhares de animais marinhos morreram e uma “nuvem tóxica”, proveniente da carga letal que vazava, se espalhou

por cerca de 500 quilômetros de praia, atingindo áreas urbanas provocando a morte de animais domésticos e sintomas como tosse e dores de cabeça na população humana.

A primeira versão oficial apresentada causou grande polêmica, pois associava a mortandade da fauna marinha e terrestre à proliferação de algas rodofíceas, fenômeno natural conhecido como “maré vermelha”. Mesmo com uma série de denúncias as autoridades se negaram a investigar a carga contida no navio Taquari, atendendo abertamente aos interesses da empresa Down Chemical, responsável pela substância tóxica transportada.

Apesar da pouca importância dada pelas autoridades estaduais, o desastre obteve repercussão nacional e internacional em poucos dias. O governo do Estado, que até então havia se omitido foi obrigado a tomar providências para minimizar o problema e tentar proteger a população afetada, ao mesmo tempo em que buscava as causas do acidente.

Este evento também repercutiu em Novo Hamburgo, onde o tal grupo de estudantes liderado na época por José Silveira (Bolota), Crisitane Weissheimer, Tina Fedrizzi, Cristine Beck e Nívea Heidrich, juntamente com o professor Kurt Schmeling, também diretor da Instituição de ensino Fundação Evangélica, decidiram se reunir para acompanhar e discutir o acidente ambiental do Hermenegildo e outros contextos também de interesse ambiental. Mais tarde juntaram-se a eles Dedé Ferlauto, Sérgio Rolim e Carlinhos Mossmann para então, em 16 de junho de 1978 fundarem uma associação com o caráter de entidade civil organizada, para acompanhar e participar ativamente de ações ecológica relacionadas ao ambiente natural. A ONG foi batizada com o nome Movimento Roessler para defesa Ambiental e o marco zero de sua primeira atividade foi a coleta publica de assinaturas exigindo explicação para o desastre ecológico do Hermenegildo.

Dentre as principais ações desenvolvidas pelo Movimento Roessler para Defesa Ambiental destacamos:

- Criação e participação no Comitê de gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos – Comitesinos;
- Campanha contra entrega do patrimônio público da prefeitura de Novo Hamburgo ao IPASEM (Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores Municipais de Novo Hamburgo) em pagamento de dívidas previdenciárias (Horto Municipal);
- Encaminhamento de denúncias aos órgãos e Ministério Público: podas irregulares em vias públicas – SEMAM (Secretaria do Meio ambiente e Controle Urbano);
- Deposição irregular de lixo – SEMAM; Caça e pesca predatórias – SEMAM/IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais) PATRAM (Polícia Ambiental da Brigada Militar); cativeiro de pássaros e animais nativos – SEMAM/IBAMA;
- Remoção de dunas no município de Arroio do sal para a construção do aeroporto do litoral – Ministério Público;
- Palestras e cursos sobre agricultura orgânica em diversas localidades do Rio Grande do sul, ministradas pelo agrônomo Arno L. Kayser; promoção de encontros estaduais de entidades ecológicas; representação no Conselho Municipal de Proteção Ambiental (Compam);
- Obtenção do decreto referente a área de preservação permanente para o banhado do Rio dos Sinos, em Novo Hamburgo;

- Lançamento da campanha “Parcão já”, garantindo à população a maior área verde de Novo Hamburgo;

- Campanha “Rio Que Te Quero Limpo” – pela vida do Rio dos Sinos. A partir de então, o setor coureiro calçadista finalmente inicia a implantação de estações de tratamento de efluentes;

- Participação na elaboração da legislação ambiental a nível municipal, estadual e nacional. Na Lei Orgânica de Novo Hamburgo, o capítulo sobre meio ambiente é integralmente de autoria do Movimento Roessler;

- Publicação de um boletim mensal, informando e debatendo questões ambientais, com uma tiragem de 1000 exemplares, com circulação entre os associados, anunciantes, entidades ecológicas, comunidade e amigos;

- Mobilização pela promulgação da lei municipal referente ao plano diretor de arborização do município de Novo Hamburgo;

Dentre estas, destacamos o projeto “Fim da Picada” (Anexo 1) que sugere e que realiza pequenas caminhadas pela região metropolitana sempre no último sábado de cada mês. Uma atividade aberta com roteiros que variam desde uma visita ao lixão da Roselândia em Novo Hamburgo, e também áreas naturais como Morro Ferrabraz em Sapiranga, Morro das cabras, Morro do Chapéu ambos em Sapucaia do sul, Picada Verão, Santa Maria do Herval, Sítio Pé na Terra em Lomba Grande zona rural de Novo Hamburgo, Ivoti, entre outros.

1.1. Henrique Luís Roessler, mas quem é ele? Ah, esse cara é do ...**#@∞!

Henrique Luiz Roessler é conhecido como um dos pioneiros na proteção da natureza, com uma vida marcada pela defesa ambiental, cuja paixão naturalista ficou registrada através de seu juramento[9] de proteção a natureza em 1953. Dois anos mais tarde funda a primeira entidade ambientalista brasileira, a União para Proteção da Natureza (UPN).

Nascido na capital gaúcha, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 16 de novembro de 1896, acompanhou ao longo de sua infância e juventude o processo de industrialização do país e transformação da natureza gaúcha. Profissional da área contábil compreendeu a dimensão das mudanças que observava. No final da década de 30 começou a agir, atuando como voluntário no controle da caça e pesca: trabalhava nos finais de semana fiscalizando caçadores ilegais, pescadores que utilizavam métodos destrutivos, como pesca com explosivos, também se dedicando a luta contra a depredação da fauna através do combate as queimadas em áreas naturais e derrubadas da mata. Também lutou contra a poluição dos rios realizada pelas fábricas de calçados e o lixo. Como agente de defesa florestal do Estado do Rio Grande do Sul, responsável por iniciativas inéditas envolvendo fiscalização, denúncia, conscientização e divulgação de soluções para problemas ambientais (ROESSLER,1986).

Roessler foi o responsável pelas primeiras ações de práticas educativas voltadas para conservação e, de ativismo ambientalista no Rio Grande do Sul entre o final da década de 30 e o início dos anos 60 (PRADO, 2008), sendo considerado o fundador da ecologia política no Brasil, por defender abertamente que a opinião pública esclarecida era

[9] "Juro solenemente, como filho do Brasil, orgulhoso de suas belezas e riquezas naturais, zelar pelas suas florestas, sítios e campos, protegendo-os contra o fogo e a devastação, fomentar o reflorestamento, conservar a fertilidade do solo, a pureza das águas e a perenidade das fontes, e impedir o extermínio dos animais silvestres, aves e peixes."

fundamental para pressionar o poder público sobre a necessidade urgente de providências.

Para tanto, escreveu mais de 300 crônicas para o Suplemento Rural do Correio do Povo, entre 1957 e 1963, ano de sua morte. Apesar das limitações e posições contrárias a sua causa, continuou sua trilha e contribuiu significativamente para a organização do Movimento Ambiental Brasileiro. Suas idéias permanecem vivas, cujo exemplo frutificou dando origem a diversas entidades, como a associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) e o próprio Movimento Roessler para Defesa Ambiental. Hoje, praças, parques e a própria Fundação de Proteção Ambiental (FEPAM) leva seu nome, como forma de reconhecimento e homenagem de sua "trilha" ambiental.

Roessler pode ser considerado um educador ambiental para sua época e hoje, mais do que nunca merece o respeito, a reverência e o agradecimento pelo seu esforço incansável para a defesa de todas as formas de vida. Uma fonte inesgotável de inspiração e sabedoria. Um sonhador demasiadamente ousado e impetuoso, pois no seu tempo não se intimidava com represálias, militando por um ideal: "Vida harmoniosa com as belezas do mundo".

Algumas crônicas, publicadas no Suplemento Rural do jornal Correio do Povo, foram selecionadas (Anexo 2) para destacar sua defesa pela natureza e sua influência para o desenvolvimento deste estudo.

Na crônica "Fogo de Palha"[10], o autor aborda questões sobre devastação da fauna, desperdício e o desleixo das autoridades com a questão florestal. Em seu pensamento Roessler demonstra uma reflexão mais ampla sobre tal temática, criticando as ações pontuais do "dia da

[10] Crônica retirada do livro: Crônicas de um naturalista comtemporâneo, organizado pela Agapan por volta de 1980 pags. 35\6

árvore” que se reduzem a distribuição de algumas mudas. Práticas essas que, infelizmente, até hoje são consideradas como ações de Educação Ambiental. Ou seja, as questões ambientais não podem, e não devem ser pensadas de maneira pontual, mas ao contrário devem ser refletidas de forma permanente, assim como cuidado que requer uma planta para o seu desenvolvimento, muitas vezes centenário.

Seguindo seu pensamento o respectivo autor sugere a importância das atividades em contato direto com a natureza, através dos bosques escolares, como espaços de aprendizagem que pudessem proporcionar principalmente aos jovens das cidades atividades ligadas ao saber, ao prazer bem como a saúde de suas vidas e das demais, como outras formas de educar a juventude quanto a proteção da vida como um todo.

Já na crônica “O Sábia e as Uvas”[11], o autor traz à tona a problemática da caça e da pesca enfrentada no Estado do Rio Grande do Sul nos anos 50. Percebe-se aqui, um tom de ironia em que Roessler deixa transparecer seu pensamento sobre a tradição das passarinhadas difundida pelos descendentes italianos da Serra Gaúcha. Em seu discurso, o ambientalista argumenta de maneira veemente na defesa dos sabiás, e busca enaltecer tal ave, considerando-a uma ave símbolo do Brasil. O mesmo, ainda trata de esclarecer que os sabiás são aves protegidas, sob pena de não serem caçadas em hipótese alguma. Em seus apontamentos Roessler se mostra indignado com as injustiças a que são acometidos tais animais, considerados por ele indefesos diante de tais calúnias e por tanto merecedores de sua proteção.

[11] Crônica retirada do livro: Crônicas de um naturalista comtemporâneo, organizado pela Agapan por volta de 1980 pags. 103\4

Também na crônica “Animais Mortos nos Rios” é possível observar mais uma vez o tom irônico utilizado pelo autor no que diz respeito à poluição dos rios. Nas suas denúncias o ambientalista faz uma espécie de comparação com os relatos de Avé-Lallemant que viajou pelo Rio dos sinos em 1858 e descreveu o manancial como sendo uma ambiente de águas verdes, calmas, e límpidas bem diferente dos apontamentos feitos por Roessler. Mesmo que suas denúncias fossem respaldadas em dados concretos e reais, o teor do seu discurso em alguns instantes é por demais fatalista como se não houvesse mais possibilidades de mudanças diante do cenário calamitoso por ele descrito.

A crônica “Rinha de Galos”[12] faz alusão aos maus tratos sofridos pelos animais durante essa atividade ilegal. O autor percorre o cenário mundial trazendo um panorama de como a rinha de galos foi ganhando espaço nas mais variadas culturas. Neste texto Roessler aponta toda crueldade implicada nas rinhas de galo, e também falta de respeito das pessoas que praticam tal atividade, como sendo transgressores da lei, que ao invés de protegerem a natureza, andam na contramão e satisfazem seu prazer com a carnificina de seres indefesos. Penso que tal prática demonstra o quanto nossa cultura social ainda se desenvolve pautada por relações de domínio, submissão e crueldade seja com os seres humanos entre si e com as demais formas de vida.

[12] Crônica retirada do livro: Crônicas de um naturalista comtemporâneo, organizado pela Agapan por volta de 1980 pags. 136\7

Por fim, na crônica “Férias na Natureza”[13], Roessler revela as formas como o homem moderno vem se relacionando com a natureza, e quais as implicações dessa atividade para a sociedade como um todo. Ou seja, pela correria estressante das grandes cidades, as pessoas cada vez mais tem procurado o contato direto com a natureza como forma de fuga, na busca por momentos mais tranqüilos junto aos ritmos da vida no campo.

No entanto, as pessoas apresentam dificuldades em se desprenderem dessa lógica perversa e acabam não mudando em nada sua relação com o ambiente, a exemplo dos parques, bosques abandonados, utilizados apenas como depósito de lixo. Roessler ainda comenta o quanto muitos desses espaços após a presença de seus visitantes ficam em situações lastimáveis com depredações de todas as formas e por todos os lados. A relação se dá nos moldes do consumo, ou seja, os lugares são consumidos e não tidos como espaços para harmonia, respeito, reverência da beleza natural.

Penso que, um dos trabalhos da Educação Ambiental deva ser este, de buscar trazer essa reflexão a sociedade como um todo, para que a mesma comece a perceber os vários ambientes do qual usufrui e é responsável, começando desde já, por nosso corpo e nossa mente, ambientes primeiros de nossa existência que merecem mais do que nunca uma constante reciclagem de sentimentos e pensamentos. Precisamos reconhecer que somos seres feitos no amor e de amor, e que nossa existência tem sentido quando vivemos em ambientes saudáveis, tanto no plano material quanto imaterial.

[13] Crônica retirada do livro: Crônicas de um naturalista comtemporâneo, organizado pela Agapan por volta de 1980 pags. 211\2

1.2. Caminhos da pesquisa

"Despertai!!! Oh Deus!!!

Meus irmãos da Terra...

Que ainda não sabem

Que a vida pode ser maravilhosa

Surpreendentemente encantadora.

Que já esqueceram o sentido de um sorriso,

De um abraço, de um toque, de um carinho amigo.

Despertai!!! Oh Deus!!! Despertai!!!

Acorda e me ajuda

A aprender a ver o mar, o céu e as estrelas.

Me educa a sentir o calor do sol, da lua...

Das montanhas, das cavernas e dos oceanos.

Me ensina a escutar o som do vento, dos pássaros...

Das águas, da chuva que me purifica inteiro

Como a chama que arde no meu interior

A espera do teu sopro."

Oração ao Deus Sonhador [14]

[14] Victor Hugo Guimarães, 2003. Oração entregue em aula da disciplina "Ecologia Onírica".

Pesquisar uma ONG, que atua em Novo Hamburgo, cidade onde também nasci, foi a materialização do meu inconsciente, de um desejo "ingênuo", de voltar as origens e (re)significar relações com antepassados. Ao mesmo tempo, estudar as relações do Movimento Roessler para Defesa Ambiental, cuja história de criação e atuação eram minhas maiores referências ambientais locais, com a Educação Ambiental não formal configurou-se como um interessante ponto de partida.

Através de buscas na rede mundial de computadores (i*nternet*) e visitas realizadas à sede da ONG, para consultas de acervos, arquivos de fotos e bibliografia, "esbarrei" com o projeto "Fim da Picada", que estava para concluir 10 anos de existência com a mesma proposta: pequenas caminhadas pela região metropolitana da grande Porto Alegre. Uma espécie de trilhas ambientais para simpatizantes da natureza, com objetivos de estreitar o contato direto com a vida e com as pessoas. Tal "achado" caiu-me como uma luva, porque minha paixão pelos diversos ambientes do Rio Grande do Sul havia iniciado, ainda, nos meus tempos de escotismo.

Neste contexto, reconheci que este era um caminho para compreender se tais experiências poderiam ser consideradas como espaços não formais de Educação ambiental. Para tanto, foi feito contato prévio, por correio eletrônico, com Arno Kayser, uma das pessoas mais conhecidas atualmente na militância ambiental do Rio Grande do Sul. A receptividade foi satisfatória, mesmo Kayser não sendo o responsável pelo projeto "Fim da Picada". Minha resposta também foi encaminhada, copiada, para Claudionor dos santos, coordenador da proposta de trilhas ambientais da ONG.

A primeira trilha que acompanhei como observadora participante coincidiu com a comemoração dos 10 anos de "Fim da Picada". Para que esta intervenção apresentasse menor impacto no grupo, optei por não

realizar anotações no diário de campo durante a caminhada. Todos os registros e impressões coletados no caminho foram transcritos no final da caminhada. No entanto, os caminhantes sabiam da minha condição de pesquisadora antes de sairmos para trilha - me apresentei e expus a atual proposta de estudo.

Na segunda trilha como observadora percebi que haviam mudado alguns participantes, em relação aos que haviam caminhado na atividade anterior, que eu acompanhara. Isso a princípio apresentava-se como um problema na coleta de dados. Portanto, optei por utilizar questionários semi-estruturados que poderiam ser enviados por correio eletrônicos aos participantes de cada edição, que eu acompanhasse. Independente da participação de cada um destes nas caminhadas futuras. Desta forma aumentava-se a aleatoriedade das respostas, ampliando também o número de participantes que seriam observados.

Após a qualificação desta pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande, defini as questões que seriam trabalhadas como categorias. Neste sentido, não só retornei ao campo para novas observações participantes, como também dei continuidade ao levantamento de informações sobre o “Fim da Picada”, nos arquivos da ONG, e distribuí os questionários para pesquisa, juntamente com os termos consentimento, para uso integral das respostas.

1.3. Em busca das trilhas possíveis

Para observar como vem sendo tratada a temática de trilhas ambientais pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA-FURG), tema também desenvolvido nesta pesquisa, foi realizado um breve levantamento dos trabalhos produzidos sobre este assunto. Para tanto, foram consultados o acervo da Sala Verde da Universidade Federal do Rio Grande, onde se encontram os trabalhos de conclusão de mestrado e doutorado. Também foram realizadas revisões bibliográficas, junto à secretaria do PPGEA, que disponibilizou o acervo impresso das revistas “Ambiente e Educação”, também sendo analisados os trabalhos no formato virtual da Revista Eletrônica (REMEA) do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA-FURG).

Contudo, o número de trabalhos encontrados foi pouco expressivo, totalizando apenas cinco publicações nos periódicos consultados. Da mesma forma, somente três trabalhos de graduação em nível de mestrado foram encontrados, sendo duas dissertações da Universidade Federal do Rio Grande e uma da Universidade Luterana do Brasil. Isto demonstra o quanto esta temática é pouco abordada pela Educação Ambiental, sobretudo no campo teórico, muito embora as trilhas sejam ferramentas difundidas em varias práticas e contidas em diferentes projetos de implementação da Educação Ambiental, principalmente os trabalhos relacionados à conservação da biodiversidade. No entanto fica claro o potencial que estas metodologias possuem enquanto espaços que privilegiam o contato direto com a natureza não humana. Neste contexto, aproximações e distanciamentos podem ser relacionados com o tema ora defendido.

Na dissertação de mestrado apresentada ao PPGEA no ano de 2001, por Reinaldo Fiumari Júnior, com o título: “Vivendo e Aprendendo com as trilhas ambientais e os estratagemas de sobrevivência do Cerrado

e da Mata Atlântica", o autor discute a raridade de trabalhos que se dedicam aos estudos dos mecanismos de sobrevivência dos sistemas naturais brasileiros, defendendo ferramentas que nos permitam transmitir uma maior compreensão da necessidade de manutenção da biodiversidade, acreditando ser importante na formação de opinião crítica. Para tanto realizou um levantamento a partir dos dados obtidos na produção de "Kits" educativos, materiais didáticos, na elaboração de trilhas não-taxonômicas e não-analíticas. Através de atividades práticas com crianças e adolescentes, utilizando saídas de campo, como "laboratórios vivos" para a produção de materiais, que estimulassem o espírito crítico, a noção de grupo, respeitando sempre à vontade e o entusiasmo do grupo. Entre os materiais produzidos o autor destaca a criação de cartazes, móbiles, teatros, pôsteres com a finalidade de apresentar e discutir, elucidar a exuberância e a dinâmica da vida nesse bioma.

Os resultados alcançados na referida pesquisa, evidenciam o aumento significativo do interesse do grupo em participar de atividades que tenham a finalidade de proteção e o contato direto com a natureza. Também descreve como as temáticas abordadas foram melhor assimiladas em função das vivências na natureza, proporcionando com isso um maior aprendizado dos participantes. Neste contexto, demonstra o quanto é possível perceber nas relações "ocultas" entre a sociedade e o bioma, evidenciando as semelhanças e diferenças entre as espécies e sua luta pela sobrevivência.

Todavia, cabe ressaltar que o enfoque dado por (Fiumari-Júnior, 2001) que é centrado numa postura conservacionista, com abordagem meramente informativa, focada nos aspectos essencialmente biológicos para a transmissão de conhecimentos. Nesta perspectiva, o caminhante não tem tempo para aquietar seus sentidos enquanto percorre a trilha e a prática acaba sendo sem uma reflexão pessoal do caminho percorrido.

Nessa perspectiva as mudanças tornam-se pouco afetivas, não passando de práticas “vazias”.

Na dissertação de mestrado, apresentada no PPGEA no ano de 2004, por Cláudia da Silva Cousin, com o título: “Trilhas e itinerários da Educação Ambiental nos trabalhos de campo de uma comunidade de aprendizagem”, a autora utiliza alunos e professores de um colégio técnico industrial, além de moradores das comunidades do entorno como objetos da pesquisa. Trabalha o sentido do pertencimento, propondo vivências através de saídas de campo, que contribuíssem para valorização do espaço, orientando a construção de concepções, valores e atitudes mais significativas ao processo de aprendizagem e conhecimento.

Cousin (2004) afirma que o sentido de pertencimento ocorreu no momento em que os alunos começaram a se perceber como integrantes de uma comunidade, que também aprende constantemente e também se transforma. A autora investe no trabalho interdisciplinar entre o “eu” e o “mundo”. Desta forma, desperta o sentimento de pertencer, ao propor outro olhar sobre o ser humano e sua relação com o mundo. Um mundo do qual fizemos parte como todas as outras formas de vida, que também atuam e trabalham na transformação da natureza. Nesta perspectiva o espaço ganha o sentido e sentimento de lugar vivo, com suas peculiaridades e especificidades vividas. Nesse caminho o conceito de cuidado adquire toda sua dimensão ética, despertando conceitos como proteção e respeito.

A dissertação de mestrado apresentada por Daniel Araujo, na Universidade Luterana do Brasil, no ano de 2006, “Análise de um curso de formação docente utilizando as trilhas do Jardim Botânico de Porto Alegre\RS como espaço educador”, analisa a influência das trilhas interpretativas na prática pedagógica dos professores, relacionando

Educação Ambiental, aprendizagem significativa e interpretação ambiental. Em seus estudos, o autor propõe a construção de um novo-profissional a partir da formação de uma nova identidade, o professor-intérprete. Para tanto descreve e utiliza doze trilhas interpretativas, como ferramentas metodológicas para capacitação docente e o despertar de horizontes pedagógicos além dos espaços formais de ensino-aprendizagem.

O único trabalho encontrado sobre a temática de trilhas publicado ao longo de mais de quatorze edições impressas da revista do PPGEA intitulada "Ambiente e Educação", foi o de Matarezzi (2001): "Trilha da vida: (re)descobrindo a natureza com os sentidos", este estudo apresenta um experimento educacional transdiciplinar, criado e desenvolvido pelo Laboratório de Educação Ambiental em Áreas Costeiras desde 1997 (LEA\CTTMar\UNIVALI). O estudo propõe a sensibilização através de vivências com os olhos vendados, estimulando os quatro sentidos, tato, olfato, paladar e audição. Os experimentos pretendem despertar uma consciência crítica para as das inter-relações históricas entre a sociedade e a natureza, promovendo a (re)integração homem-natureza, por meio de uma experiência concreta, neste caso, um ambiente de mata Atlântica e ecossistemas costeiros associados.

Neste estudo, o autor sugere a integração de atividades educativas, terapêuticas e conservacionistas, bem como o desenvolvimento de metodologias de percepção e Educação Ambiental, através de trilhas interpretativas e ou perceptivas. Incluindo na trilha uma série de elementos que simbolizam a ação do homem na natureza nas diferentes fases da humanidade, como uma linha do tempo. Ao final do percurso da trilha os participantes retiram a venda e os mesmos individualmente fazem um desenho do trajeto percorrido evidenciando os pontos mais significativos. Este registro funciona como uma espécie de mapa mental, que propicia uma reflexão em grupo, onde são compartilhadas descobertas e experiências vividas.

Esta experiência representa uma possibilidade de integração de diversas áreas do conhecimento, dentro de um objetivo comum, que é reaproximar as pessoas da natureza, permite uma leitura sensível do humano, mais consciente e menos destrutivo da natureza. Por meio de experiências diretas é demonstrado um caminho possível para o uso de trilhas ambientais como espaço não-formal de Educação Ambiental. Através da metodologia sugerida percebesse a riqueza da experiência que as trilhas e o contato direto com a natureza não humana podem proporcionar em seus caminhantes "[...] pode-se tocar as essências da terra, do ar, da água e do fogo, com seus sons, gostos, aromas e sensações [...]" (MATAREZI, 2001, p. 62).

Todavia, um ponto que merece destaque, e que serve de suporte para a pesquisa que ora propomos é a conclusão do estudo de Matarezzi (2001) sobre a percepção dos caminhantes, em relação a eles mesmos, no decorrer da trilha. Verificando que através da percepção humana, enquanto agente de transformação, natureza-sociedade, é que ocorre a reinserção do homem no ambiente.

Na revista eletrônica do mestrado em Educação Ambiental, destacamos o trabalho de Silva et al (2006): "Educação Ambiental: Interação no Campus Universitário através de Trilha Ecológica", sugerindo o planejamento, implantação e uso de trilhas como ferramentas para Educação Ambiental fundamentada na declaração de Tbilisi(1997).

Os autores destacam a educação como meio para sensibilizar as pessoas frente aos problemas ambientais e de "responsabilizá-las" enquanto seres interativos, capazes de modificar de forma positiva ou negativa o meio onde vivem, sugerindo a trilha como ferramenta para instigar a percepção das pessoas para maior reflexão sobre a ética ecológica. Neste estudo os autores reconhecem tanto as trilhas ecológicas como as demais atividades em ambientes naturais como possibilidades de uma proposta educativa diferenciada da tradicional, que pode e deve interagir com a formal, oportunizando maneiras diferentes de

aprender. Indo além da proposta de Educação Ambiental defendida por Matarezzi (2001), este estudo sugere a “trilha” como ponte de ligação entre a Educação formal e não-formal, consideradas um instrumento ideal para o desenvolvimento e inserção de tema transversal “meio ambiente”.

Pasqueletto e Melo (2007) sugerem o uso de trilhas como instrumento de Educação Ambiental para sensibilização da importância do cerrado e sua conservação. Neste estudo também foram estimulados outros sentidos em detrimento da visão, sendo o tato o estímulo mais despertado nos caminhantes de uma trilha sensitiva. Os autores defendem a integração sócio-ambiental para uma significativa estratégia de conservação da natureza.

O estudo de Oliveira e Vargas (2009), embora não contenha a palavra trilha no título, merece destaque por abordar experiências do contato direto com a natureza não humana. A partir de uma perspectiva crítica, emancipatória e libertadora, apresenta uma abordagem para a Educação Ambiental centrada no resgate das relações humana-natureza. Através de práticas pedagógicas e vivências ao ar livre. Os autores defendem tal experiência como mecanismo de sensibilização para o despertar de novas possibilidades de convívio.

No mesmo sentido, embora com enfoque mais naturalista Nascimento e Araujo de Almeida (2009), sugerem que a perda da sensibilidade contribui para a distorção da relação humano-natureza, sobretudo influenciando na sua percepção de mundo, cujo reflexo seria a atual crise ambiental. Portanto, defendem que a educação e a percepção ambiental podem ser importantes ferramentas na proteção do meio ambiente, reaproximando humanos da natureza.

Diante destes estudos, fica evidente a relevância das trilhas, como instrumentos pedagógicos e enquanto espaços não formais para a

Educação Ambiental PARTICIPATIVA. As experiências do contato direto com o ambiente possibilitam outras formas de aprendizado, muito além das convencionais, porque despertam todos os sentidos para a necessidade do cuidado consigo e com o outro, enquanto caminham e se percebem agentes de transformação. Portanto a trilha pedagogicamente conduz o caminhante ao espanto com a vida e seu delicado encanto de um sonho de esperança e beleza.

CAPÍTULO II - PROCURANDO ANA: FORMAÇÃO DE UMA EDUCADORA AMBIENTAL ATRAVÉS DE IMAGENS POÉTICAS (MEU CAMINHAR): MÚSICAS, FILMES, INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA ESCOTISTA, DIFERENTES TRILHAS DE UM IMAGINÁRIO ONÍRICO

Neste capítulo apresento através de uma escrita sem medo, os meus sonhos oníricos e devaneios despertos, em um mundo possível, do cuidado e gentileza. Uma dança embalada por ritmos contidos em trilhas internas, que conduzam à essência de seres constituídos de pó de estrela, prontos para brilhar.

> "[...] tal como os outros seres vivos com quem compartilhamos a mesma casa, o planeta Terra, fomos criados com as mesmas partículas ínfimas e com as mesmas combinações de matérias e energias que movem a vida e os astros do universo. Algo do que há nas estrelas pulsa também em nós. Algo que, como o vento, sustenta o vôo dos pássaros, em outra dimensão da existência impele o vôo de nossas idéias, isto é, dos nossos afetos tornados os nossos pensamentos. Não somos intrusos do Mundo ou uma fração da Natureza rebelde a ela. Somos a própria, múltipla e infinita experiência do mundo natural realizada como uma forma especial da Vida: a vida humana." (CARVALHO, 2004, p76-77).

Alguns autores subsidiaram essa compreensão de mundo, donde se destacam: Gaston Bachelard (1993, 2006), que despertou a dimensão do imaginário e dos sonhos para este estudo; Humberto Maturana (1998, 2004), que discute o emocionar que nos constitui de amor; e Leonardo Boff (1999), que trata através de uma delicadeza ímpar, o *ethos* do cuidado.

O título deste capítulo descreve a construção do meu olhar sobre a temática pesquisada e sua relação com a Educação Ambiental. Na realidade compartilho do mesmo observar contido na obra "O Pequeno Príncipe", de Saint Exüpéry: "[..] é com o coração (sentimento), que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos [...]." (BOFF, 1999. p.100).

Em contraposição aos olhares da Educação Ambiental, que privilegiam a denúncia dos problemas, falhas, erros e conseqüências, crendo no equívoco de que basta identificá-los para transformá-los. Acredito que essa abordagem, fatídica, não percebe o quanto desperta a dor através de uma resignação amarga e desesperançosa frente às questões ambientais, nestes casos apresentada como "problemática" ambiental. Pois conforme Maturana (1998, p.89): "[...] mudar os significados das palavras implica mudar os domínios de ação, e mudar os domínios de ação implica mudar o modo de conviver [...]"

Portanto, acredito que através do belo resgata-se o humano esquecido dentro de nós, o qual se faz cada vez mais necessário diante da crise civilizatória em que vivemos. Por isso defendo o projeto "Fim da Picada", e suas experiências do contato direto com a natureza não humana através de trilhas ambientais, como espaço capaz de despertar de um novo cosmos, onde sonhos possam ter um lugar real.

Neste contexto, trilhei de maneira poética meu caminhar pela Educação Ambiental, associando as vivências do "Fim da Picada", com idas e vindas pela região metropolitana de mim mesma. Ora em Novo Hamburgo, ora junto ao mar da maior praia do mundo.

"[...] percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu não cochilei,
os mais belos montes escalei [...]"[15]

[15] Trecho da música "Estrada" contida no álbum: Quanto mais curtido melhor (1998), da banda carioca Cidade Negra

Foto 1. Parque dos Paredões, Canela, Rio Grande do Sul. (Fotografia: Claudionor dos Santos)

Como proposta inicial para percorrer as trilhas interiores, e despertar meu olhar encantado, busquei imagens poéticas em filmes que eu pudesse correlacionar com o presente estudo.

No filme “Viagem ao Centro da Terra”, de Eric Brening (2008), uma adaptação do Livro de Julio Verne (1864), o personagem principal é um professor que desenvolve e apresenta teorias que são rejeitadas pela academia. Como pano de fundo, destaca a perseverança para acreditar e persistir nos sonhos, com coragem para ir atrás da possibilidade de viver fantasias.

Já o filme “Viagens Alucinantes”, de Ken Russel (1980), também uma adaptação do livro homônimo de Paddy Chayesfsky (1978), apresenta as experiências de um cientista que decide pesquisar os reflexos da utilização de alucinógenos nas regiões mais profundas da mente humana. A partir de uma atmosfera que busca estimular outros

sentidos, através de trilha sonora e imagens frenéticas, discute a necessidade de uma mente sana, baseada em sentimentos mais serenos para que a “viagem” percorra caminhos agradáveis nas trilhas da consciência.

Enquanto no premiado filme “Forrets Gump”, de Robert Zemeckis (1994), cujo personagem principal é um contador de histórias, que narra suas diferentes trilhas percorridas ao longo da vida, descrevendo a vida “[...] como uma caixa de bombons, por isso nunca se sabe o que vai se encontrar [...]“. A cada instante uma surpresa na superação de um caminho, cuja beleza despretensiosa é a forma sutil com que nos apresenta um humano, demasiadamente humano, totalmente embriagado pela magia da vida.

Acreditar no inacreditável é despertar para a possibilidade de se sentir livre pra sonhar uma outra realidade. Afinal de contas, como diz o Poeta Marginal, Chacal em seu poema intitulado Poema Grapete “Só o impossível acontece, o possível apenas se repete, se repete, se repete...”

Durante a caminhada do dia a dia, dividimos um mundo de escolhas com outros companheiros, muitos anônimos e alguns amigos, mas todos passageiros desta mesma trilha da vida. Assim como Forrest “[...] não precisamos ser inteligentes para saber e sentir o que é o amor [...].” Apenas precisamos respeitar o tempo de cada um, e de nossas próprias escolhas. Porque se a felicidade é nossa missão, então quando tiveres que ir, vá! Se ficar cansado, durma! E na hora da fome, coma!

Foi através desta trilha cinematográfica que despertei para a possibilidade desta caminhada dissertativa, por uma educação pelo sonho.

2.1. Vivências no movimento escotista

Resgatando um pouco do meu passado em contato direto com a natureza, destaco o engajamento no movimento escotista, onde vivenciei experiências desde o final da minha infância e início da minha adolescência. Sempre aos sábados de tarde, no Colégio Pindorama, na cidade de Novo Hamburgo, sede do grupo de escoteiros Hans Staden, muitas aventuras e acampamentos foram compartilhados.

Minha "dinda" Roseli, carinhosamente chamada de "Codinha", foi a responsável por esta trilha no escotismo. Em sua companhia, vivi momentos de grandes descobertas, fosse nas tardes de verão no litoral norte do Rio Grande do Sul, ou através dos relatos de sua experiência como chefe do grupo feminino de escoteiras, e tão logo da patrulha que eu fazia parte "Cruzeiro do Sul".

> "[...] cinco estrelas como luz orientam e nos conduz,
> num céu todo azul,
> Viva o cruzeiro do sul [...]"[16]

Já naquela época, o momento mais aguardado nos acampamentos, eram as trilhas no meio do mato. Horas e horas caminhando em meio a vegetação fechada e seus "obstáculos" naturais: paredes rochosas, que necessitavam de técnicas de escalada; travessia de tirolesa por cima de rios. Muita aventura! Mas ao mesmo tempo despertavam outros sentidos, através de cheiros, cores e formas de vegetação. O gosto da mata retido nas frutinhas silvestres, saboreadas nas manhãs aquecidas pelo calor do Sol. A sonoridade da floresta e a percepção do silêncio. Uma dádiva nos trazendo ao encontro da nossa

[16] Grito de guerra da patrulha "cruzeiro do sul"

própria formação. E quando chuvia, os banhos reconfortavam os caminhantes após longas trilhas.

Destas memórias de respeito e solidariedade, brotaram a necessidade do aprender, onde a Educação Ambiental é o caminho para a realização de minhas escolhas.

> "[...] então, numa exaltação da felicidade de ver a beleza do mundo, o sonhador acredita que entre ele e o mundo há uma troca de olhares, como no duplo olhar do amado e da amada [...]"
>
> (BACHELARD, 2006. p.177-8)

2.2. A caminhada de volta às origens pela poesia de Manoel de Barros

> "Uma estrada é deserta por dois motivos: por abandono ou por desprezo. Esta que eu ando nela agora é por abandono. Chega que os espinheiros a estão abafando pelas margens. Esta estrada melhora muito de eu ir sozinho nela. Eu ando por aqui desde pequeno. E sinto que ela bota sentido em mim. Eu acho que ela manja que eu fui para a escola e estou voltando agora para revê-la. Ela não tem indiferença pelo meu passado. Eu sinto mesmo que ela me reconhece agora, tantos anos depois. Eu sinto que ela melhora de eu ir sozinho sobre seu corpo. De minha parte eu

achei ela bem acabadinha. Sobre suas pedras agora raramente um cavalo passeia. E quando vem um, ela o segura com carinho. Eu sinto mesmo hoje que a estrada é carente de pessoas e de bichos. Emas passavam sempre por ela esvoaçantes. Bando de caititus a atravessavam para ver o rio do outro lado. Eu estou imaginando que a estrada pensa que eu também sou ela: uma coisa bem esquecida. Pode ser. Nem cachorro passa mais por nós. Mas eu ensino para ela como se deve comportar na solidão. Eu falo: deixe, deixe meu amor, tudo vai acabar. Numa boa: a gente vai desaparecendo igual Carlitos vai desaparecendo no fim da estrada... Deixe, deixe, meu amor."

Manoel de Barros – Caso de Amor 2003

A primeira vez que ouvi esta poesia do pantaneiro Manoel de Barros foi pelo telefone, através da leitura do Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães. Naquele instante me emocionei como se tivesse compreendido um dos motivos de minha escolha por juntar nesta pesquisa a temática de trilhas com as atividades desenvolvidas pela ONG, Movimento Roessler para Defesa Ambiental, cuja a sede está localizada na minha cidade natal, Novo Hamburgo.

De pronto, compreendi toda a subjetividade latente em minhas escolhas. Sempre senti a necessidade de retornar para estrada que havia me feito sonhar pela primeira vez e que hoje, entendo como sendo a base da Educação Ambiental que pretendo defender, baseada na reverência e no cuidado com o outro. Mas precisava retornar para casa e refazer as trilhas da minha origem, de mãos dadas com meus antepassados, os colonos alemães.

Desde minha adolescência sempre gostei de passear por Hamburgo Velho (bairro mais antigo de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul). Ficava encantada com o charme especial de uma atmosfera do passado, com sua arquitetura repleta de casarões em estilo *enxaimel*, entrecortando as ruazinhas. Me recordo com prazer que nas tardes de domingo, havia roda de chimarrão para aquecer e reavivar as memórias dos mais velhos, que compartilhavam estórias do tempo de juventude e da lida na roça: tratar dos animais; tirar leite da vaca todas as manhãs para o café da família; dar comida aos cavalos; cuidar da terra. Com olhos e ouvidos atentos, suspirava enquanto ouvia todas aquelas maravilhas, de um tempo em que subir em árvores para saborear frutas fresquinhas na companhia dos irmãos, primos e amigos, eram parte de um dia a dia repleto de natureza e aventuras.

Hoje penso o quanto desta vida no campo, do colono e sua tradição no trato com a terra, foi se perdendo no tempo. Cada geração foi ficando mais distante em um mundo globalizado, onde as crianças “nascem” praticamente conectadas ao computador e crescem em condomínios cada vez mais desconectados com a natureza não humana. Felizmente, mesmo tendo crescido e vivido toda a infância e adolescência, entre cimento e asfalto, junto do barulho de carros e buzinas da cidade, tive a satisfação de reviver, a partir daquelas tardes de sábado e domingo, um pouco da vida no campo, através das estórias de meus avós, cheias de sentimentos alegres e saudosismo de um tempo em que se vivia junto da terra e, principalmente, mais junto com ela.

"Foram uns poucos
imigrantes,
Vindos lá do fim do mar,
Desbravaram estas terras,
Trabalhando sem parar...

E essa gente aventureira,
Fez o vale prosperar;

As indústrias e o comércio,
Nossas riquezas sem par...

Novo Hamburgo é um recanto,
Onde a arte foi morar;
E a Fenac do calçado,
É o orgulho do lugar...

Estribilho:

Neste Vale tão bonito
Entre a serra e o mar
Onde fica Novo Hamburgo
Minha cidade, meu lar...

Venham todos, venham ver
Como é lindo o meu lugar
Praças verdes e floridas
E um céu azul, igual não há...

La, ra, ra, ra, ra, ra, ra...”

Hino de Novo Hamburgo[17]

Sob a ótica deste retorno ao início de um caminho, que desperta e reaviva as origens de um povo, apresento a seguir o trecho de um depoimento fornecido por um participante do projeto “Fim da Picada”.

Pergunta: Antes da participação do projeto das trilhas como era sua relação com o ambiente? Quando precisava resgatar sua natureza o que fazia? Onde andava?

[17] Autoria de Délcio Tavares 15|09|1989

> *Ventania: "Já caminhava antes, o próprio movimento já organizou várias saídas de campo. Porém não regulares. A relação "materia" de andar no mato já vem talvez dos avós que caminhavam bastante, conheciam chás, árvores, aves, animais. Na rádio quando era pequeno havia um programa para caçadores que imitava o som das aves, muito apreciado [...] Tive a sorte de acompanhar meus pais no "retorno ao campo" através de dois sítios de "lazer" que tivemos. O lazer ta entre aspas, pois ambos os sítios nos deram foi muito trabalho. A roça exige atenção e muito suor! Gastei muitos finais de semana da minha vida em contato direto com a terra. Trabalhando duro, mas com um prazer diferente. Comendo o que plantou, morando na casa que construiu, bombeando a água do poço, catando lenha para o fogo. Era um reviver em miniatura da saga do imigrante alemão."*

Após este depoimento, me lembrei de um trecho da obra "Os Sofrimentos do Jovem Werther" onde Goethe, poeticamente, transcreve os sentimentos daqueles que desfrutam a simplicidade da vida no campo.

> "21 de junho – Como me sinto feliz por ter um coração feito para sentir as alegrias simples e inocentes do homem que põe na sua mesa a cabeça de repolho que ele mesmo cultivou. E não apenas o repolho, mas também os bons dias, as belas manhãs em que o plantou, as deliciosas tardes em que o regou, e de novo volta a gozar em um momento todas aquelas alegrias que experimentou ao ver o paulatino da planta." (GOETHE, 2006, P. 48)

Desta forma, quanto mais avançava nesta trilha, mais próxima aos meus antepassados germânicos o caminho me conduzia. Um exemplo deste reencontro foi obtido também na sede da ONG, Movimento Roessler para Defesa Ambiental. Enquanto pesquisava os arquivos do projeto "Fim da Picada", encontrei um folheto (Anexo 3) que muito me despertou a atenção. Uma espécie de encarte para divulgação das trilhas

ambientais, cujo conteúdo informativo abordava justamente esta questão do imigrante e colono alemão. As ilustrações apresentavam o cenário de Hamburgo Velho ainda representado pela antiga divisão da então Colônia de São Leopoldo (1824), com destaque para o atual Museu Casa de Schmitt Presser (Anexo 3).

2.3. Pelas trilhas do imaginário onírico, um encontro com as estórias dos seres encantados e o espanto com o mundo em miniatura[18]

"[...] Poeta é um ente que lambe as palavras e depois se alucina."

Manoel de Barros – Trecho da série "Paixão pela Palavra"[19]

O documentário sobre o poeta Manoel de Barros, exibido pelo canal Futura em cinco episódios, com o nome "Paixão pelas Palavras", também contribuiu para despertar meu ser onírico com suas palavras e belezas expressas nas simplicidades contidas em uma exaltação apaixonada por seu lugar de origem, o Pantanal mato-grossense. Seu processo de escrita nos transporta no tempo, para um banhar nas águas e um conviver com os seres que habitam a terra úmida, escura e cheia de vida. Suas frases contêm tamanha suavidade, que logo criam um bailado dando vida ao que antes fora iniciado em toquinhos de lápis, docilmente consumidos ao longo da trilha escrita, dia após dia.

Manoel se diz um apaixonado por fazer frases. Como é real essa capacidade de juntar algumas poucas palavras e nos fazer viajar por horas. O poder de embriaguez, e alucinação é tão forte. É preciso degustar aos pouquinhos, como uma bebida fina, da qual guardamos por muito tempo, esperando algum dia especial, de comemoração. É tudo tão mágico, sinto um desejo de tornar a minha escrita poesia, queria encantar a todos que a lessem. Isso me reporta a fala do professor Valdo quando diz que ao ler algo que o fascina, ele tem a sensação, o desejo de escrever o que já foi escrito pelo poeta, seus sentimentos são de maravilhamento com a palavra, é seu poder alucinógeno, de encantar os

[18] Inspirado no artigo "O mundo como capricho e miniatura", contido no livro "Estudos" 2008 Gaston Bachelard

16 Exibido pelo canal Futura em 2008

seres humanos. E se essa palavra pode nos encantar, é por que somos seres de encantamento, seres de sensibilidade aguçada. Então, esse emocionar pelo belo nos faz poeta como Manoel de Barros, mesmo sem termos escrito uma única palavra de sua poesia. Essa poesia reverbera em todo nosso ser, o sorriso invade o semblante, irradiamos poesia por nossos poros. Ao nos sensibilizarmos com a viagem alucinada de sua poesia, naquele instante, nos sentimos poetas junto dele e viajamos por seus lugares.

E o que dizer do lugar que Manoel dá vida a sua imaginação, como ele mesmo chama “o lugar de ser inútil”. Mais uma vez lembro-me da fala do professor Valdo durante a apresentação da Flávia, minha parceira de caminhada no mestrado em Educação Ambiental. Ele falava sobre “*essa coisa inútil da poesia que não serve pra nada, serve pra essas coisas, deixar a vida melhor, mais encantadora, a vida simplesmente feliz”.* (Prof. Dr. Valdo Barcelos, 27/05/2010)

Sinto uma fragilidade, que ao menor toque do meu ser, como a palavra alucinante dos poetas, uma cena de delicadeza entre as pessoas, um abraço amigo, um sorriso, uma gargalhada também me emocionam. E o que dizer quando encontro crianças serelepes, radiantes de vida, me torno criança novamente sinto vontade de andar de balanço, comer doce, algodão doce. Mas talvez, as “coisas” das quais me tocam ao menor detalhe são as belezas naturais do mundo. O que mais gosto é de ficar horas observando, e que pra mim é mais do que apenas observar, pois acredito que me comunico, com as corujas. Todo final de tarde elas vem no campo em frente da casa onde moro, e ai ficamos a conversar. Pergunto do dia, se comeram bem, por onde passearam. E elas ao meu chamado: corujinhas, corujinhas, logo viram a cabecinha e escutam minhas estórias, eu conto do dia, falo das dificuldades e das descobertas que estou tendo na escrita é como se eu quisesse colocá-las no meu texto. Elas me aproximam dos seres encantados, e todos juntos bailamos na poesia da vida.

"[...] bailam corujas e
pirilampos

entre os sacis e as fadas

e lá no fundo azul na
noite da

floresta a lua iluminou a
dança,

roda, a festa."[20]

Eles colorem minhas imagens, e me despertam sentimentos de alegria, eles são as estrelas cintilantes da noite. É um desejo de comunicar através da minha escrita, o mistério guardado, protegido na vida das flores, do mato, dos bichos, do vento, da chuva, do mar e do fogo.

Assim como sugere Manoel de Barros, no documentário citado anteriormente: *"[...] fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz"*. Não que essas coisas devam ser desprezíveis, no entanto frente ao caos ambiental que estamos vivendo, nosso descuido, nossa pressa às vezes faz perder de vista aquilo que é prezado. Portanto, também acredito que a natureza, com suas águas, com sua terra, com o céu são materiais preciosos, capazes de fertilizar os sentimentos, os pensamentos, as ações, e as palavras dos seres humanos na concretização de um mundo mais cuidadoso, amoroso com e entre todas as formas de vida que nele existem e vivem, sejam elas humanas e não humanas. Para Manoel as imagens são palavras que nos faltaram. *"[...] poesia é a ocupação da palavra pela imagem"*. Logo, também defendo essa mistura entre a imagem das paisagens naturais vivida na experiência das trilhas e sua beleza travestida na poesia, para que de fato possamos experimentar a poesia da paisagem, conforme bem exaltada por Manoel de Barros: *"[...] poesia é ocupação da imagem pelo ser".*

[20] Música "O vira" do álbum de 1973 da banda "Secos e Molhados".

Continuo compactuando com Manoel de Barros, e cada fala sua eu me alimento, é como se estivesse nutrindo todo meu ser para dar cada vez mais sentido ao que deixo brotar nessa escrita. Então, hoje acredito na mudança da sociedade, penso que escrevo para isso. Contudo, algumas visões de como eu pensava que essa mudança pudesse acontecer foram tomando novos rumos, outros sentidos, se antes eu acreditava na contestação, no embate, hoje estou com o coração e os pensamentos mais serenos o que me permitem pensar nessa mudança através da poesia, do olhar sensível da poesia que aceita os mistérios da vida e os vê como uma espécie de cura para esse mundo que anda tão doente.

> "[...] o que comanda a poesia em qualquer tempo em qualquer lugar do mundo é a infância. É uma coisa gratuita, tanto que não se vende. Tudo que serve pra coisa nenhuma e que você não pode vender no mercado, como o coração verde dos pássaros serve para poesia." (BARROS, 2008)

Ora depois dessa fala o que até então era enigma, como o livro de Bachelard e seu capítulo, "os devaneios voltados à infância", já não o são mais, tudo adquire sentido imediatamente. É, como se agora já sendo gente "grande" eu voltasse a ser gente pequena, mas de imaginação grande. São minhas memórias infantis que dão sentido ao que faço aqui e agora. Afinal, "[...] Poesia é negócio de criança, ou de louco ou de bêbado" (BARROS, 2008). E eu, quero ser todos eles, criança, louca, bêbada de imaginação!

> "[...] para entender nós temos dois caminhos: o da sensibilidade que é o entendimento do corpo; e o da inteligência que é o entendimento do espírito. Eu escrevo com o corpo. Poesia não é para compreender, mas para incorporar. Entender é parede: procure ser uma árvore." (BARROS,2008)

Portanto, entendo as coisas do mundo, e também minha dissertação de mestrado desse jeito manuelino, ou seja, mesmo sendo

acadêmico, científico, e que eu tenha utilizado por diversas vezes ao longo do texto a palavra compreender, na verdade desde a escolha do tema, até o processo de escrita, de materialidade da pesquisa, eu quis muito mais do que entender, eu quis ser a trilha. E para ser a trilha, eu fui árvore, eu fui água, eu fui terra, eu fui fogo, eu fui os cheiros da mata, eu fui os ruídos da natureza. Hoje sou a árvore bailarina. Corpo todo alongado, que apresenta seu espetáculo todos os dias para quem quiser apreciar, bem de frente ao pavilhão quatro do Campus Carreiros, da Universidade Federal do Rio Grande, onde suas raízes penetram o chão, dando a estabilidade necessária para sua dança.

Na trilha do imaginário há uma alquimia composta por um "quê" de realidade, em meio a uma dose abundante de fantasia. Ambas se misturam de maneira tão homogênea que fica difícil identificá-las separadamente.

"[...] vou buscar a fantasia no conto da carochinha
com a varinha de condão [...]"[21]

Essa trilha tem início com minha última participação no projeto "Fim da Picada" e os caminhos que percorri junto com os participantes do projeto pela cidadezinha de Santa Maria do Herval. Desde o primeiro instante em que chegamos em Santa Maria do Herval meu olhar se encantou com uma linda borboletinha de cor azul anil, que ganhava mais formosura no seu revoar tendo ao fundo o verde da vegetação de mata ciliar que acompanhava todo o percurso do riozinho da cidade. Ao longo daquele sábado de caminhada por entre as belezas naturais da região

[21] Banda Black Rio – Álbum "Saci Pererê, 1980. Música Saci Pererê, Gilberto Gil.

estive todo tempo acompanhada por uma infinidade de seres encantados de azas cintilantes que me faziam bailar junto com elas por meio dos meus olhares de contemplação diante de tamanha beleza. Uma graciosa borboletinha guiava nossa trilha. Na verdade, fomos acompanhados por uma infinidade de borboletas nas mais variadas cores. Batizei a trilha de "Caminho das Borboletas" em meu diário de campo.

Para minha surpresa dias após essa trilha recebi um presente encantado de uma pessoa muito especial em minha vida e que desde o princípio me deu forças pra não desistir desse sonho encantado do mestrado com as trilhas. O presente em questão era uma caixinha que dizia "Kit Trilha", e dentro dela havia um móbile todo em *origami*[22] *(arte oriental realizada com dobraduras de papel em formatos mais variados, ex. animais)* no formato de borboletinhas. Um verdadeiro "pana-pana" (coletivo de borboletas), acompanhado de bilhetinho que dizia que sempre que eu sentisse medo de seguir a trilha era para eu me segurar nas borboletinhas e voar com elas.

Então num belo dia, tomada por sentimentos de alegria, felicidade e total segurança, me atrevi a voar junto com minhas pequeninas borboletas floridas, e as disse que gostaria de viajar junto com elas por lugares encantados feitos de magia onde habitam os sacis, as fadas, os duendes, os pirilampos e tantos outros. E assim para lá seguimos, foi uma viagem e tanto!

Confesso que eu estava bastante ansiosa, meu coração saltitava sem parar de tanta euforia. E as pequeninas borboletas voavam pelo céu como se estivessem dançando eram piruetas e mais piruetas uma grande aventura. Íamos subindo, subindo cada vez mais até que chegamos bem lá no alto do céu, junto às nuvens. Assim fizemos uma paradinha pra brincarmos por entre as nuvens que também eram coloridas como as

[22] Do japonês: 折り紙, de *oru*, "dobrar", e *kami*, "papel". É a arte tradicional japonesa de dobrar o papel (praticado desde 1603), criando representações de determinados seres ou objetos com as dobras geométricas de uma peça de papel, sem cortá-la ou colá-la.

borboletinhas e o melhor dava para comê-las, pois eram iguaizinhas a algodão doce, que delícia! Então após essa parada para reabastecer as energias seguimos viagem rumo a nosso destino. Depois de algumas horas chegamos num lugar chamado Gentileza em homenagem ao profeta[23]. O lugar ficava junto a Serra do Mar, bem perto de uma cidade chamada Lumiar, na cidade do Rio de Janeiro, e a cada entardecer as brumas tomavam conta de tudo.

Um lugar encantado, cujo nome já anuncia a mais bela profecia: gentileza para o cuidado, amorosidade e esperança nessa vida. Para aqueles que infelizmente ainda não sabem de quem eu estou falando, eu indico o livro de Leonardo Boff, intitulado “Saber Cuidar”, que também faz referência a figura do profeta Gentileza, como um exemplo de pessoa que se dedicou ao cuidado com o próximo. Gentileza buscou resgatar o que de mais belo temos a oferecer ao mundo e as relações que são de uma simplicidade e de um altruísmo, ou seja, sermos seres feitos de gentileza e agradecimento. Sua frase mais conhecida é “Gentileza gera Gentileza”. Acredito que quanto mais adotarmos tal frase nas nossas vidas cotidianas, estaremos sutilmente imbuídos de uma leveza para fluir e modificar o mundo, transformando-o num lugar mais harmonioso.

Assim, com esse lema, eu estava pronta para vivenciar essa experiência de pura fantasia e magia junto aos seres encantados que habitam e protegem este lugar lá no alto do céu, repleto de brumas. Bem lá no alto, junto às pirambeiras, no meio da mata que me encontrei com os seres encantados. Eles são bem pequeninos e muito coloridos, suas roupinhas são feitas de folhas caídas das árvores, uma formosura todos envoltos por folinhas. É possível reconhecê-los através de suas

[23] José Datrino (1917-1996), o profeta Gentileza, tornou-se conhecido a partir de 1980 por fazer 56 inscrições nas pilastras do Viaduto do Caju, que vai do Cemitério do Caju até a Rodoviária Novo Rio, numa extensão de aproximadamente 1,5 km. Seus dizeres peculiares em verde-amarelo expõe sua crítica ao mundo, propondo uma alternativa ao mal-estar da civilização contemporânea.

orelhinhas pontiagudas. Suas casinhas são as flores pequeninas que dão todo o colorido do lugar. E as comidas são parecidas com as nossas. Tive o privilégio de ceiar junto deles e na ocasião comemos pequenos tomates bem vermelhinhos e saborosos, mais parecidos com pitangas, uma delícia. Todos os alimentos são livres de veneno, também pudera naquele lugar encantado não há espaço para sentimentos e ações que provoquem maldade, destruição, tristeza.

Um dos momentos mais mágicos vividos junto aos seres encantados foi em uma linda noite de lua cheia em que dançamos num ritual em homenagem a vida e toda poesia contida nela. Em volta da fogueira nos aquecemos com o fogo primitivo, depois brindamos com poções mágicas a alegria daquele encontro.

Os dias se passaram e já era hora de voltar para findar o caminho da escrita de minha dissertação, foi então que para minha surpresa os meus amiguinhos encantados me propuseram uma viagem de volta que eu jamais imaginaria vivenciar. Pois acreditem que minha volta as terras do sul foi dentro de uma bolha, tipo bolinha de sabão. Sim naquela manhã a pequenina fadinha me mostrou uma teia de aranha na qual pequeninas gotas de orvalho da manhã foram se prender e assim num sopro suave do vento eu entrei pra dentro de uma dessas bolhas e com a ajuda do vento e das brumas voltei pra casa sorridente e completamente encantada pela vida. A vida como um bem em si mesma.

Com estes pequeninos seres de luz aprendi um dos maiores ensinamentos ambientais, de que mais do que reciclarmos o lixo que produzimos materialmente, antes disso devemos trabalhar incansavelmente na “reciclagem” de nossos sentimentos, pensamentos, pois o nosso emocionar guiará nossas ações. Portanto é preciso olhar o mundo como esperança, lugar de encantamento e maravilhamento para transformá-lo de fato.

Amiguinhos encantados sou e serei eternamente agradecida por esses momentos de tanto devaneio desperto que junto a vocês minha imaginação pode voar livremente. Após esta rica vivência que será para minha vida, como Educadora Ambiental um impulso motivador para compartilhar ensinamentos de amor pela vida, com todos aqueles que no futuro profissional eu vier a conviver.

O autor fundamental para tornar possível minha viagem imaginária e por hoje acreditar na poética da vida e o quanto essa dimensão pode de fato contribuir para a educação e, sobretudo para Educação Ambiental é o filósofo Gaston Bachelard. Confesso que levei certo tempo para compreender o que meu orientador falava a respeito do processo para compreender o autor em questão. Ele dizia que diferentemente de outras leituras acadêmicas que estamos acostumados, esta seria diferente na medida em que não avançaríamos na leitura se quiséssemos ler tal autor buscando dissecar os conceitos de sua escrita. Na verdade o livro precisaria ser degustado aos poucos e melhor o seria se fosse acompanhado de poesia, ou seja, conforme as palavras do Prof. Dr. Victor Hugo Guimarães: “[...] para compreender Bachelard comece lendo poesias.” Como assim, perguntei uma vez. Poesia? Ler poesia para escrever um trabalho acadêmico, uma dissertação de mestrado? Algo se apresentava para mim muito diferente daquilo que até então eu conhecia.

Compreendi o sentido e a importância da poesia no meu trabalho que fala das singelezas da vida, dos detalhes da natureza, e da vida como um todo como o poeta pantaneiro Manoel de Barros, a quem me tornei admiradora nas primeiras leituras. Este poeta é um apaixonado pela palavra.

Tal como Bachelard que trabalha sua perspectiva do devaneio imaginário por meio da palavra escrita, tento trazer essa mesma perspectiva do devaneio imaginário para a experiência das trilhas, e sua proposta de contato direto com a natureza não humana como um espaço efetivo, possível para o encantamento com as belezas do mundo. Belezas

que nos “recarregam” as baterias de alegria. Considerando que nesse processo todos os nossos sentidos são despertados e adquirem maior harmonia com o cosmos. *“[...] o devaneio poético nos dá o mundo dos mundos. O devaneio poético é um devaneio cósmico. É uma abertura para um mundo belo, para mundos belos [...].”* (BACHELARD, 2006, p.13)

Diante dessa atmosfera de encantamento e maravilhamento com o mundo, o “ser” desfruta de um relaxamento capaz de causar uma sensação de bem estar, onde corpo e alma se fundem numa sensação de felicidade plena. E, assim dessa forma habitamos o mundo, as emoções felizes desse mundo. Nesse caminho outro trecho Bachelard (op cit.) diz que: *“[...] a quem deseja devanear bem, devemos dizer: comece por ser feliz[...].”* (2006, p.13)

Para tanto, concordo com o mesmo que afirma como uma das funções do devaneio a libertação do “fardo” da vida, ou seja, a oportunidade de mesmo diante do caos ambiental que fazemos parte atualmente nessa sociedade, devemos tentar levar ao prosaísmo da vida uma dose significativa de devaneio poético, capaz de alimentar nossos sonhos e ações, para um mundo feito de felicidade radiante.

Continuando por esta estética, Bachelard insiste que *“[...] nunca teremos visto bem o mundo se não tivermos sonhado aquilo que víamos [...]”* (Bachelard, 2006, p.165). Nesse sentido hoje sonhamos pouco em detrimento de uma rotina de vida que nos sobrecarrega o pensar e o agir, anulando nosso sonhar. Somos dominados por um ritmo de vida preso ao tempo das horas, do relógio, da pressa. Seres “adormecidos” nos automatismos, perdendo a linguagem que compartilha com o outro o encantamento da vida.

Para contrapor este estado passivo, quase letárgico, devemos seguir a trilha do imaginário “devaneante”, que pode nos despertar para o lugar e importância no mundo feliz. Assim vivenciaremos uma vida na qual nossa essência de seres feitos de amorosidade, cuidado, felicidade,

faça nos perceber e vivenciar as horas sem relógio que ainda habitam nosso ser. Para a imaginação é a maior potência de nossa natureza humana.

No caminho dessa trilha exterior, das paisagens, somos convidados a caminhar para dentro de nós mesmos. Nosso espaço habita nossa interioridade. Somos habitantes de nós mesmos. E nesse processo damos sentido ao nosso interior pelo exterior, por meio dos espaços felizes de nós mesmos. Numa dialética do exterior e do interior, do grande e do pequeno, *"[...] o espetáculo exterior vem ajudar a revelar uma grandeza íntima [...].*" (Bachelard, 1993, p.197)

Nesse processo vamos ao encontro de nossa velha casa, nossa primeira morada e é justamente nesse caminhar, que, fazemos o grande sair do pequeno. Nossa alegria esta na importância de reconhecermos as coisas insignificantes da vida. Como perceber um singelo amanhecer, seu orvalho, os primeiros raios de sol a aquecer nossos sonhos alaranjados. Um sorriso acolhedor, um abraço amigo. Mas como nos diz o próprio *"[...] quem aceita os pequenos espantos prepara-se para imaginar os grandes [...]."* (BACHELARD, 1993, p.120). E a natureza não humana tem uma maneira toda sua de nos espantar com sua simplicidade em fazer do detalhe a grandeza de sua força poética.

Mas pra perceber toda sutileza é preciso vagar, divagar e devagar, pois praticamente tudo está para além do que se vê, do que se toca. *"[...] para fazer crer, é preciso crer [...]"*. (BACHELARD, 1993, p.157).

Por fim, posso dizer que nessa caminhada imaginária, despertei minhas trilhas de sensibilidades, para poder perceber através de meus aparelhos (sentidos: imaginação, olfato, paladar, visão e o tato) de sonhar, de sentimentos, a pureza das coisas que aparentemente não servem para nada. Habitei minha floresta, num estado de alma em que o ócio me permitiu escutar a natureza de tudo que não pode falar. Todos meus sentimentos e o devaneio poético da vida. Tudo isso que por si só,

já legitimam qualquer forma de reconstrução que contribua para “Ana” - educadora ambiental do sonho desperto!

2.4. Das últimas trilhas – a certeza de minhas escolhas: educação, ambiente e liberdade.

Mais uma semana de FURG e nesta trilha dissertativa. O dia em especial, uma sexta-feira fria de inverno. Dentre minha lista de atividades: baixar na internet o penúltimo episódio da série “Paixão pela Palavra”. Dirijo-me até o centro de convivências da universidade e ali encontro duas pessoas que de alguma forma modificaram meu dia, meus sentimentos. As pessoas em questão eram uma estudante da FURG e a menina que trabalha na portaria. Quando digo que elas modificaram o meu dia foi pela forma como elas demonstraram generosidade, solidariedade comigo. Em um dado momento o carregador da bateria do meu computador acusa algum problema, e no mesmo instante a estudante mesmo sem me conhecer mais que prontamente me empresta o seu carregador e me diz que poderia continuar usando e depois entregá-lo a menina da portaria, que iria para aula. Naquele instante seu gesto me encheu de alegria e conforto, eu lhe agradeci dizendo o quanto ficara feliz com tal atitude.

Não fosse isso suficiente para reafirmar a mim mesmo a importância da amorosidade no mundo, durante a volta para casa, mais tarde neste mesmo dia, no ônibus eu “esbarrei” com mais destes humanos especiais. Uma mulher que eu estava a observar, pois me chamava a atenção o fato dela estar se maquiando durante a viagem. Provavelmente seu dia deveria ter sido corrido e que o único momento para dedicar-se a si mesma estava sendo ali, no ônibus. Uma pessoa humilde, mas que independente da sua condição financeira prezava pelo belo da vaidade feminina. Num dado momento ela percebeu meu olhar

cuidadoso, em seguida se levantou, e veio sentar-se bem ao meu lado. Sem “rodeios” me pediu para que eu ajudasse a colocar uma de suas pulseiras, das quais acabei elogiando uma com detalhes de peixinhos. Então, surpreendentemente, ela disse: *“você gostou? Fica de presente então!”* Pensei na hora, o quanto aquele gesto era delicado, amigo. Eu era uma “estranha”, mais uma dentre tantas pessoas no ônibus. Mas isso não fazia diferença, a sensação que me passou foi como se estivesse recebendo um presente de um amigo conhecido. Prosseguimos conversando, foi então que ela me disse que estava trabalhando como diarista na casa de uma tia para pagar os custos dos seus estudos, como apostilas, transporte. Estava cursando o EJA (Educação de Jovens e Adultos), com um sonho de se formar e arranjar um trabalho com carteira assinada. *“[...] como não sou uma pessoa ambiciosa, um trabalho que me pague um salário é o suficiente!”* Nesta ocasião ela também comentou nunca haver saído da cidade de Rio Grande, nem pra ir à capital (Porto Alegre).

Exemplos como estes nos fazem pensar a todo instante, para reafirmar escolhas nossas. A mim não restam dúvidas, optei pelo desejo em me dedicar a educação, sobretudo a educação libertadora, para que de algum modo, contribuia para autonomia de pessoas como está mulher que conheci no ônibus, ou como a menina da portaria da FURG, pessoas simples, comuns e sábias, sabidas dessa sabedoria que o mundo esta carente. *“[...] Hoje eu vi homens ao crepúsculo recebendo amor no peito.”* (BARROS,2008). Neste dia recebi amor no peito! São os gestos que nos tornam capazes de reafirmar escolhas. São as pessoas que darão um sentido a “Ana” educadora - que devaneia a educação pelo prisma libertador de Freire e vê o propósito de educar, assim como defende Maturana:

> “[...] para recuperar essa harmonia fundamental que não destrói, que não explora, que não abusa, que não pretende dominar o mundo natural, mas que deseja conhecê-lo na aceitação e respeito para que o bem-estar humano se dê no bem-estar da natureza em que se vive. Para

> isso é preciso aprender a olhar e escutar sem medo de deixar de ser, sem medo de deixar o outro ser em harmonia, sem submissão. Quero um mundo em que respeitemos o mundo natural que nos sustenta, um mundo no qual se devolva o que se toma emprestado da natureza para viver. (1998, P. 35-36)

Neste dia especial, após reler um trecho do capítulo dois, do livro escrito na forma de diálogo entre Paulo Freire e Ira Shor (2008), onde os autores falam sobre os medos que, os educadores que sonham a transformação da sociedade, enfrentam ao longo da suas trilhas na educação. Desde então, também entendi que a medida dos medos era proporcional a medida dos sonhos. Sonhos que devemos “ser”, e viver acordados pela esperança, participando de trilhas e encontros, tais como este, e assim como tantos outros, vivenciados no dia a dia disponíveis na gratuidade do compartilhar.

CAPÍTULO III - AS TRILHAS DO PROJETO “FIM DA PICADA” E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.

Neste último capítulo apresento ao leitor as possíveis relações entre o projeto “Fim da Picada” com a Educação Ambiental, enfatizando que as vivências proporcionadas pelas trilhas podem ser consideradas um espaço não-formal de Educação Ambiental uma vez que permitem a seus participantes, caminhantes, a possibilidade de uma outra maneira de se relacionar com a natureza não humana (utilitarista x gratuita) através do contato direto com a mesma. Também neste mesmo capítulo trago meus relatos\impressões referente a minha participação em quatro trilhas do projeto “Fim da Picada”. E por último apresento o que considero uma espécie de “resultados” da pesquisa que é legitimada através da fala dos participantes.

Assim, concordamos com Bruhns (1997), que através de seu artigo, sugere que o corpo que visita a natureza experimenta a possibilidade de uma transformação no seu olhar crítico, despertando outras oportunidades de se relacionar com a natureza não humana.

Ainda em relação aos aspectos desta experiência gratuita com a natureza e pautada por uma relação de afetividade, onde podem ser estabelecidos uma espécie de troca de gestos com o ambiente, que despertam o “cuidado”. De acordo com Boff (1999,p.99), construímos o mundo por laços de afetividade, e é justamente esses laços que tornam as pessoas e as situações preciosas e portadoras de valor. Olhar o mundo de maneira tranquila, com sentimentos de felicidade, amorosidade e respeito. As vivências na natureza guardam em si toda a experiência poética contida nessa relação de troca, onde cada detalhe é pura poesia: um pôr do sol, um arco-íris, um banho de chuva ou cachoeira, o perfume das flores, as frutas silvestres, o canto dos pássaros, etc. É possível perceber um coração palpitando em cada uma dessas coisas, que nos despertam encanto e sentimento. Este encontro permite o surgimento de

um ser onírico, que se deixa embriagar pelas maravilhas de um mundo miniatura, cujos devaneios extrapolam o “eu” dando asas a imaginação livre, muito embora a realidade nos prenda no chão. Para tanto, o ócio é parte fundamental desta “descoberta” para celebrar de forma plena o (re) encontro do ser humano com a natureza não-humana, nutrido por uma sensação de paz e liberdade, instigadas pelo (re) conectar-se com os mistérios da vida. “[...] se quisermos sentir a natureza, deveremos entrar em contato com ela; temos de vivê-la, ser permeados por ela, engajando nossos sentidos.” (BRUHNS,1997,p.134)

Seguindo este mesmo pensamento a autora, completa:

> “As experiências íntimas do corpo com a natureza, numa perspectiva subjetiva, expressam em alguns casos uma busca de reconhecimento do espaço ocupado por esse corpo na sua relação com o mundo, uma revisão de valores bem como um encontro muito particular do homem com ele mesmo.” (BRUHNS, 1997, p.136)

Nesta pesquisa que ora defendemos, o aprendizado transcende aos conceitos técnicos e transmissão de informação, não existindo certo ou errado. O que discutimos é a necessidade de preencher espaços disponíveis para um outro “aprender”, baseado nos sentidos e sentimentos que o contato direto com a natureza não-humana possibilita a partir de uma caminhada entre amigos e ou desconhecidos (mas que se relacionam) no projeto “Fim da Picada”. Estas vivências contribuem para um aprendizado capaz de aproximar as pessoas da questão ambiental, fazendo-as, de alguma forma sentirem-se parte da natureza e responsável pelo “cuidado” tanto para consigo mesmo como o outro que caminha ao seu lado e, quiçá, com todo o restante da natureza não-humana.

> “Dessa maneira, a EA está efetivamente oferecendo um ambiente de aprendizagem social e individual no sentido mais profundo da experiência de aprender. Uma aprendizagem em seu sentido mais radical, a qual, muito mais do que apenas

> prover conteúdos informações, gera processos de formação do sujeito humano, instituindo novos modos de ser, de compreender, de posicionar-se ante os outros e a si mesmo, enfrentando os desafios e as crises do tempo em que vivemos." (CARVALHO, 2004, p.69)

É deste emocionar do amor que nos fala Maturana (1998, p.8), onde o social esta baseado numa emoção em particular, o AMOR, por ser esta a emoção que permite a aceitação do outro como legítimo na convivência." Esse emocionar que permitiu que a humanidade chegasse até os dias de hoje.

O livro Amar e Brincar fundamentos esquecidos do humano (Maturana e Zoller, 2004) sugere que parte do caos ambiental que vivenciamos atualmente é fruto da nossa herança cultural européia, patriarcal, vigente na sociedade ocidental como um todo, a qual estabelece as relações entre os seres humanos tanto consigo mesmo, como com os outros e a natureza de maneira dominadora e pelo uso da força, da submissão, da competição predatória, do desrespeito pela diferença biológica e cultural. Nesta corrente de pensamento é que Bruhns (1997) defende a mudança deste modelo utilitarista, cujo preço que pagamos por essa sociedade é a infelicidade. Maturana (op cit) insiste lembrando que, por termos esquecido nossos fundamentos básicos é que devemos encontrar novos caminhos que nos reconduzam ao humano que esquecemos: "[...] antes do patriarcado se vivia na harmonia com a natureza, no gozo da congruência com o mundo natural, na maravilha de sua beleza, não na luta com ela." (2004, p.34) Quem sabe os fundamentos para a Educação Ambiental estão no resgate deste humano que se encanta?

De acordo com a ética do cuidado de Boff:

> "Cuidar das coisas implica ter intimidade, senti-las dentro, acolhê-las, respeitá-las, dar-lhes sossego e repouso. Cuidar é entrar em sintonia com, auscultar-lhes o ritmo e afinar-se com ele. A razão analítico-instrumental abre caminho para razão

> cordial, o espirit de finesse, o espírito da delicadeza, o sentimento profundo. A centralidade não é mais ocupada pelo logos razão, mas pelo pathos sentimento.” (1999, p.96)

Para tanto é que defendemos a Educação Ambiental para além de um conceito pré-estabelecido, auto-contida através de diferentes correntes, ou teorias. Propomos que este espaço pedagógico não é estanque e que o movimento para educação deve ser livre, tanto quanto possível e necessário, para um diálogo enriquecedor baseado no respeito, cuidado e amorosidade. Uma educação que fomente a construção de pessoas mais felizes, sorridentes e altruístas. Uma educação pelo sim, pela aceitação do outro e por que não romântica, e que contribua para esperança? Uma educação que desperte e potencialize as sensibilidades afetivas, capazes de reconstruir posturas mais éticas.

Neste contexto o projeto “FIM DA PICADA” deve ser considerado um espaço efetivo de Educação Ambiental, pois é possível vicejar nessa experiência um processo pedagógico que transcende instituições formais de ensino, permitindo de forma direta reconectar o sujeito, caminhante, com tudo que vive e existe através do contato intenso com a natureza não humana. Tal afirmação é subsidiada não somente pela fundamentação teórica apresentada, mas também pela coleta de dados ao longo de dois anos, cuja metodologia utilizada foi baseada em observações participantes e aplicação de questionários semi-estruturados (Anexo 4).

A observação participativa foi utilizada pelo seu potencial reflexivo, em um olhar atento, que não só coleta informações, mas que também é influenciado pela experiência vivida. Dentro dessa metodologia a ação de ver adquire um outro sentido que esta para além de um simples ver, mas um ver mais cuidadoso, um ver prestando atenção. Conforme Hegenberg “[...] tornar acessível o que, de outra forma, seria inacessível ou poderia passar despercebido.” (1976, p.11)

Este método apresenta vantagem de registrar impressões que não seriam possíveis através de questionários ou entrevistas (Lakatos e Marconi, 2007). No entanto, um fator limitante está relacionado às influências pessoais sofridas pelo observador, que por ventura venham a mascarar ou distorcer os resultados obtidos. Soma-se ainda a influencia que o observador, um estranho na comunidade, pode causar ao grupo, interferindo no comportamento e relação entre os mesmos. (Lakatos e Marconi, 2007). Todavia, a participação ativa do observador, não apenas nas trilhas, mas nas reuniões e assembléias, contribuiu para a maior aceitação no grupo, diminuindo as possibilidades destas eventuais distorções durante a coleta de dados "*in-situ*".

Cabe ressaltar que tal pesquisa foi conduzida a partir de uma fundamentação teórica, com a qual a pesquisadora se identifica, e que, por sua vez, também influenciaram no modo de observar e analisar todas as impressões vivenciadas durante este estudo. Para elaboração dos questionários (Anexo 4), foram considerados os estudos de Brhuns (1997), buscando identificar como os participantes se relacionavam com o ambiente. Também foram consideradas as questões sugeridas pela Profa. Margareth Copertino, ainda na formatação do projeto de qualificação, sendo abordados aspectos dos sentimentos evocados na experiência de caminhar em trilhas.

O uso de questionários (Anexo 4) ao invés de entrevistas esteve associado às dificuldades para encontrar os "caminhantes" fora do espaço das trilhas e, também, pela quantidade de participantes, em média 15 pessoas, numa única caminhada. No entanto, como bem alerta Hegenberg (1976) o uso de questionários também apresenta dificuldades, que neste caso, foram superadas associando o envio por meio eletrônico, com aplicação junto aos participantes "in-situ", sempre ao final das trilhas.

3.1. A primeira trilha: o abril que virou maio de 2008

A primeira intervenção desta pesquisa junto ao projeto “Fim da Picada” estava previsto para o último sábado do mês de abril de 2008, mas o mal tempo e a forte chuva enviada por São Pedro, fizeram com que a caminhada fosse transferida para o mês seguinte. Na manhã do dia 31 de maio, fui ao encontro do grupo que caminharia junto em meio ao frio típico do outono gaúcho. Até o momento apenas os membros da diretoria da ONG Movimento Roessler, responsáveis pelo projeto “Fim da Picada”, sabiam da minha participação na condição de observadora-pesquisadora. O local marcado para saída, a Praça Vinte de Setembro em frente ao obelisco, no centro de Novo Hamburgo, permanece o mesmo desde a primeira trilha realizada em abril de 1998. A partir das 8 horas o grupo foi crescendo, sendo composto por casais próximos dos 40 anos de idade. Um total de 15 pessoas, aparentemente satisfeitas e ansiosas aguardavam o início de mais uma trilha conjunta. O destino: Sapucaia do Sul, Morro das cabras, subidas ao Morro do Chapéu e do Lagarto.

Para deslocamento do grupo, optamos por uma Van até São Leopoldo e depois, ônibus para Sapucaia. Ainda neste curto trajeto, percebi o quanto todos gostavam do contato direto com a natureza, porque o assunto que mais se ouvia, dizia respeito a outras trilhas que alguns já haviam percorrido juntos. No desembarque, já próximo ao “pé” do morro que subiríamos, o “guia” do Movimento Roessler, comentou sobre a atividade que seria executada, solicitando que eu me apresentasse ao grupo, explicando meus objetivos de pesquisar o “Fim da Picada”.

Durante a caminhada evitei fazer anotações que pudessem interferir na rotina dos caminhantes. Portanto, a maioria dos relatos contidos no diário de campo foram realizados após participação nas trilhas. O objetivo era não atrair atenção do grupo para minhas atividades e sim me integrar e participar ao máximo da experiência.

Assim, procurei observar como os participantes se relacionavam entre si e com o ambiente. Neste acompanhamento ficou evidente o clima de amizade, e solidariedade. Embora durante a trilha o grupo andasse dividido, geralmente duas ou três pessoas caminhando juntas em um mesmo ritmo. Todavia, os trios e duplas se misturavam, conforme o tempo passava e a caminhada avançava. O silêncio foi a parte marcante no percurso, porque mesmo quando “novas” duplas e trios se formavam, ainda assim as conversas eram poucas. É provável que cada um estivesse tão centrado no caminho, que as belezas da trilha suprissem toda a necessidade da palavra. A natureza também conversa de forma silenciosa, mas para esse diálogo é preciso quietude e paz.

Cumplicidade e confiança também foram verificadas durante a trilha. Trechos mais acidentados, ou em locais cuja passagem era possível para apenas um de cada vez, o grupo inevitavelmente seguia o “guia” que abria o caminho desconhecido para os demais. Dar a mão ao próximo e aguardar sua vez para estendê-la ao seguinte, foram atitudes exercitadas por todo o caminho. Assim, braços, mãos e palavras de incentivo serviam a todos, de modo que todos se sentissem parte de um único objetivo: a travessia.

No alto do morro a contemplação plácida da paisagem quase infinita, fazia parte do olhar de cada caminhante, onde a maravilha e beleza contribuem para uma sensação de paz ainda maior. Embebidos deste momento sentamos para repartir o lanche e refrescar, saciar a fome com bergamotas, sucos variados, bolos e outras gostosuras, agora transformava a todos em crianças. Em meio a euforia despertada através da boca e ou fala, um companheiro resolve brindar a todos recitando uma poesia de cordel... Muitas risadas surgiram pelo inusitado encontro poético entre John Lennon e Raul seixas.

Hora de voltar! Mas quem pensa em hora, num momento como esse? Embora o relógio não mais existisse, o sol já estava descendo no horizonte. Durante o retorno aproveitei para consultar o responsável pelo

“Fim da Picada”, sobre as mudanças verificadas na proposta das trilhas ao longo de todo esse tempo de existência do projeto. Dentre as principais modificações, foi citada a ausência de um biólogo, que possuía a função de intérprete dos atrativos físicos de fauna e flora. Ao longo dos anos a ONG percebeu que os participantes estavam muito mais interessados na caminhada pelo prazer de conhecer lugares novos, do que pelas informações eventualmente associadas à trilha.

3.2. A segunda caminhada: junho de 2009

A segunda caminhada só ocorreu um ano depois e o procedimento para o encontro do grupo foi o mesmo. Na manhã de sábado, do dia 28 de junho, mais uma vez estávamos todos novamente reunidos em frente ao obelisco, na Praça Vinte de Setembro, num grupo de quase 20 pessoas. Reconheci que algumas pessoas eram as mesmas com quem havia percorrido a trilha do morro das cabras, em Sapucaia do Sul. Todavia, a presença de novos integrantes para esta trilha contribuiu para a renovação do grupo. Este fato ficaria evidente, como uma característica marcante da proposta “Fim da Picada”. Não só mudavam os roteiros a cada encontro, como também o grupo de caminhantes estava sempre variando ao longo do tempo.

Desta vez o destino era Morro Reuter e a estrada Picada Café. Nomes sugestivos, que misturavam a cultura alemã, com a imagem de um café quentinho ao final da andança. Logo no início do trecho percebemos a diferença em relação a trilha anterior. Neste caminho prevalecia uma longa estrada, cuja paisagem do entorno era dominada por uma espécie de plantação de *Pinus* (Foto 2). Após alguns intervalos, com paradas para descanso e prosa, seguimos em direção ao morro das Cabras (Foto 3). Mais uma vez a contemplação do horizonte tomou conta de todos os caminhantes. No entanto, optou-se por seguir a trilha após

breve “meditação” do grupo. O sol forte e o topo do morro sem abrigo foram argumentos incontestáveis.

Algumas horas depois, observamos uma pequena clareira na mata e ali decidimos que repartiríamos lanches, água e boas risadas. Após sestearmos, parte do grupo registrou imagens de flores, pássaros e do grupo que ainda “lagarteava” deitado entre as pedras.

No caminho de volta, a surpresa tomou conta do grupo, através do olfato. Enquanto cruzávamos uma propriedade particular, um cheirinho todo especial de cuca e roscas, recém saídas do forno, se espalhou no ar. Com água na boca, apertamos o passo e ao nos aproximar da casa descobrimos que a dona da casa fazia quitutes para vender na feira do agricultor, em Presidente Lucena. Que sorte a nossa! Alguns comentavam! Um café da tarde, saboreando delícias caseiras, preparadas por uma gentil senhora, de sorriso fácil e grato. E assim, encerramos mais um encontro, de farta alegria, numa trilha, cuja a picada já estava aberta e o café nos aguardava quentinho.

Foto 2. Projeto “Fim da Picada”, junho de 2009, trecho de trilha da estrada Picada Café. (Fotografia: Claudionor dos Santos)

Foto 3. Projeto "Fim da Picada", maio de 2008, mirante Morro das Cabras, Sapucaia do Sul. Contemplação e descanso (Fotografia: Claudionor dos Santos).

3.3. O terceiro encontro: setembro de 2009

A terceira vivência foi realizada na primavera de 2009, em uma manhã ensolarada do mês de setembro. Novamente nos reunimos em frente ao obelisco da Praça Vinte de Setembro, em Novo Hamburgo. Todavia, a distância do destino, o Parque dos Paredões em Canela, exigiu dos participantes uma organização prévia: carros e motoristas suficientes para atender todo o grupo. (Foto 4) Um total de 20 pessoas, destaque para presença de uma criança de 5 anos que acompanhava seus pais, um casal que eventualmente participara do projeto "Fim da Picada".

Desta vez o clima ameno foi o companheiro em uma das trilhas mais puxadas, segundo as próprias palavras dos participantes mais assíduos. No total foram 20Km percorridos dentro de uma reserva particular do Patrimônio Natural. Cercada de beleza e cores (Foto 5). O desgaste do grupo foi visível no esforço físico de todos, para superar os próprios limites. Neste contexto, a solidariedade e o respeito ao caminhar

do outro foi a diferença mais significativa dentre as demais caminhadas que acompanhei. As palavras de incentivo se multiplicavam a cada instante, e o braço amigo estava sempre ao alcance dos que mais necessitavam de ajuda.

As paradas para um descanso estratégico também foram mais numerosas que nas outras caminhadas, mas a bela paisagem não fazia desta demora um grande problema. Afinal, o tempo não era nosso objetivo. Assim, aproveitamos para sentir o aroma da natureza que respirávamos enquanto recuperávamos a energia. Lanches e sucos também fizeram parte desta "orgia" que despertava todos os sentidos. No retorno ao ponto de partida um grande alongamento em grupo foi conduzido por uma das participantes que coincidentemente era da área de fisioterapia. Nada melhor do que esticar os músculos, após tanto esforço.

Foto 4. Projeto "Fim da Picada", setembro de 2009, com destaque para o grupo de caminhantes reunidos no meio do caminho para fotografia no clima aprazível do mirante da paisagem no Parque das Paredões, Canela, Rio Grande do Sul. (Fotografia: Claudionor dos Santos).

Foto 5. Projeto "Fim da Picada", setembro de 2009, com destaque para a Cachoeira " Véu-da-Noiva" ao fundo. Parque dos Paredões, Canela, Rio Grande do Sul. (Fotografia: Claudionor dos Santos).

3.4. Quarta vivência: março de 2010

A quarta caminhada ocorreu no verão de 2010 mesmo com o adiantado do tempo, e, já no limite dos prazos do mestrado, analisando os dados coletados até então, decidi fechar um ciclo e incluir esta última estação nesta abordagem de pesquisa. Neste momento alguns participantes já haviam enviado por meio eletrônico os seus questionários semi-estruturados preenchidos. Portanto, de posse destas informações tentei não interferir nas novas relações que se estabeleceriam ao longo de mais esta trilha.

Desta vez a caminhada com dificuldade leve reuniu um grupo maior, cerca de 17 pessoas. O perfil dos participantes se manteve o mesmo, poucos jovens com menos de 30 anos, prevalecendo casais próximos dos 40 anos. O destino: Santa Maria do Herval, uma cidadezinha hospitaleira, colonizada por descendentes de alemães, próximo da Serra. Um local tranqüilo, com paisagem interiorana, quase bucólica, com casas simples e jardins floridos. Os mirantes pelos quais paramos incluíram até uma cachoeira, onde passamos por um estreito caminho que levava ao lado de dentro, e do interior observávamos a queda d'água. A sensação era de estar nas entranhas de uma terra fértil e úmida.

Quando a fome chegou, paramos para compartilhar sabores, enquanto recuperávamos o fôlego e botávamos o papo em dia. O local escolhido no meio da mata dividia o espaço com a proximidade de uma pequena gruta. Neste local inusitado muitos caminhantes se interessaram pelo tema desta pesquisa, colocando-se a disposição para responder os questionários. No caminho de volta, uma chuva fina nos apanhou de surpresa. Mas ao contrário do que poderia imaginar, prevaleceu o bom humor do grupo e uma espécie de reverência por mais uma "graça" obtida. Após tantas belezas e cachoeiras, éramos abençoados por um

banho de chuva. O sorriso era comum a todo grupo. Neste espírito de paz e diversão encerramos mais esta trilha.

Foto 6. Caminhada em Santa Maria do Herval-RS, destaque para sorriso os participantes após um banho de chuva reconfortante. (fotografia: Claudionor dos Santos).

3.5. Caminhando com os trilheiros do projeto “Fim da Picada”: um diálogo interpretativo de suas falas

Na tentativa de buscar um diálogo com as respostas obtidas nos questionários semi-estruturados associamos a observação participante e a fundamentação teórica ás análises desta proposta de pesquisa. Para tanto neste processo de compreensão\interpretação foram utilizadas uma

base de dados empíricos, que teve como objetivo relacionar este projeto de trilhas ambientais “Fim da Picada” com os preceitos da Educação Ambiental, bem como de que maneira esta experiência do contato direto com a natureza não humana desperta sentimentos capazes de restabelecer o vínculo afetivo do cuidado e respeito entre seres sonhadores.

Baseado no PRONEA (Programa Nacional de Educação Ambiental), lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999) destacamos o capítulo I, artigo 1º:

> “entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e a sustentabilidade.” (2005, p.65)

E o capítulo II, secção III, art. 13:

> “entendem-se por educação ambiental não-formal as ações e práticas educativas voltadas à sensibilização da coletividade sobre as questões ambientais e a sua organização na defesa da qualidade do meio ambiente.” (2005, p.69)

Através das impressões coletadas junto aos participantes do projeto e observações pessoais da prática “Fim da Picada” buscamos relacionar a atividade desenvolvida como um espaço efetivo de Educação Ambiental, na medida em que desperta nos participantes sensibilidades e reflexões, onde os valores e atitudes são (re) construídos de maneira harmônica, baseada no respeito ao tempo e as limites de cada um.

Partimos da seguinte premissa[24]: quem não gosta de apreciar a natureza de cima de um morro? Pois um “fim da Picada” muito interessante foi realizado no Morro da Embratel durante saída de junho de

[24] Premissas estas contidas na página (http://roessler.org.br) do Movimento Roessler que versam sobre o início do projeto “Fim da Picada”.

2009. Uma vez encontrado o local para contemplação, alguém lê um texto para meditação, que nos remete a uma reflexão sobre o local, o ser humano, as relações, a necessidade de reconexão com Gaia[25]. A isto, na hora, chamamos “nosso próprio sermão da montanha”.

Do contrário nos meses mais quentes as trilhas nos presenteavam banho de cachoeira, mergulhos no poção e até uma garoa fina. Não há como não relaxar, em um encontro com várias pessoas, um ambiente tão aprazível. E mesmo quando a caminhada requer maior vigor físico, uma parada estratégica para o lanche e uma soneca amiga contribuem para o entusiasmo. Aliás, esta é a proposta explicita no projeto “Fim da Picada”: soneca, reflexão e paz. Muita paz e diversão!

No total doze caminhantes responderam o questionário, sendo utilizados pseudônimos sempre que necessário reproduzir, na integra, suas falas. Dentre estes, a maioria apresentou idades variando de 30 a 50 anos. Todos possuíam curso superior completo. E deste total, quatro questionários foram respondidos por ativistas, membros da ONG Movimento Roessler para Defesa Ambiental.

De maneira geral, no universo de caminhantes observados durante as trilhas, foi predominante a presença de casais. No entanto, também foi registrada a eventual participação de famílias completas (pai, mãe e filho). Cabe reforçar que a rotatividade dos participantes foi uma característica interessante do projeto pesquisado, sendo constatada a heterogeneidade do grupo através daqueles que faziam sua primeira trilha junto aos trilheiros mais assíduos e freqüentadores de todas as caminhadas, somados ainda, aos que se reintegravam ao grupo após longo tempo sem participar do “Fim da Picada”.

[25] A hipótese de Gaia, foi criada e defendida pelos cientistas James Loverlock e Lynn Margulis, sendo primeiro autor do livro Gaia: a new look at life on Earth. Para maiores informações consultar também o artigo “Gaia – um modelo para adinâmica planetária e celular” *In*Thompso, 2000. (org) Gaia – uma teoria do conhecimento. São Paulo. 203p.

Neste contexto, os questionários aplicados apresentaram como proposta inicial tentar identificar como os caminhantes conheceram a ONG e/ou como ficaram sabendo da existência do projeto em questão. Dentre as respostas obtidas, destaca-se a divulgação em veículos de comunicação como, por exemplo, o jornal “NH”. Todavia, em relação as trilhas foi unânime a declaração do contato inicial através do convite de um amigo, que já participara anteriormente. Muitos também manifestaram que já faziam caminhadas e sentiam prazer neste tipo de atividade, sobretudo pelo contato direto com a natureza não humana, por vislumbrarem uma perspectiva de contemplação. A admiração das belezas proporcionadas pelo ambiente também foi associada ao interesse pela possibilidade de refletir sobre a “preservação” da natureza. Contudo, mesmo demonstrando certa preocupação com o ambiente e a maneira como estamos cuidando do mesmo, a maioria, aparentemente, mantém uma relação com as questões ambientais, mais no plano individual e comportamental, ou seja cada um no seu cotidiano busca se responsabilizar pelo seu consumo, no uso da energia, na economia, na reciclagem de lixo, etc. Portanto, mesmo sendo considerados simpatizantes da causa ambiental, poucos militam nas questões ambientais defendidas pela ONG, mantendo um vinculo apenas com o projeto “Fim da Picada”.

> *Gaivota: “Conheci o Movimento através de amigos que já participavam. Me interessei em participar pois sempre fui um defensor da preservação do meio ambiente e acreditar que quanto mais pessoas unidas no mesmo ideal, mais fácil de se alcançar algum resultado positivo.”*
>
> *Colibri: “Através de contato com pessoas que já participavam do movimento. Me interessei pelo contato com a natureza numa perspectiva de contemplação da natureza. Participo há dois anos. Meu vínculo com o movimento é só na caminhada quando posso.”*

Quando perguntados sobre sua relação com o ambiente, e o que faziam para resgatar sua natureza, muitos responderam que já possuíam o hábito das caminhadas, tanto em ambientes naturais, como em ambientes mais urbanizados, destacando como motivadores o cuidado, o respeito, e a “preservação” da natureza.

> *Ventania: “Já caminhava antes, o próprio movimento já organizou várias saídas de campo. Porém não regulares. A relação “mateira” de andar no mato já vem talvez dos avós que caminhavam bastante, conheciam chás, árvores, aves, animais. Na rádio quando era pequeno havia um programa para caçadores que imitava o som das aves, muito apreciado. Na Tv o oceanógrafo Jacques Cousteau em seus programas desvendava os mistérios do mar. Tive a sorte de acompanhar meus pais no “retorno ao campo” através de dois sítios de “lazer” que tivemos. O lazer ta entre aspas pois ambos sítios nos deram é muito trabalho, a roça exige atenção e muito suor! Gastei muitos finais de semana da minha vida em contato direto com a terra. Trabalhando duro mas com um prazer diferente.”*

Dentre todas as questões abordadas (Anexo 4), uma tentou refletir o que representava este contato direto com a natureza e quais os sentimentos e emoções eram despertados nesta experiência.

> *Colibri: “Sentimentos de reverência à natureza.”*
>
> *Jasmim: “É o momento em que nos analisamos, tomando como exemplos certos movimentos da natureza. É de profunda reflexão.”*
>
> *Alecrim: “Sentimento de liberdade, prazer.”*

Flor de lótus: "Muito boa por que ainda existem lugares muito lindos e natureza exuberante e triste por ver que também há lugares onde há muito descaso com a natureza."

Margarida: "Sintonia, relaxamento, relaxamento."

Esperança: "Encanto, admiração, reflexão, alegria, paz, harmonia, entre outros."

Girassol: "A sensação de integração com a natureza é de pureza. Sinto um grande bem estar, alegria e satisfação. É como uma catarse me purifica do stress e das agruras do cotidiano. Todas as caminhadas são especiais, mas as mais desafiadoras são mais gratificantes. Gosto de trilhas difíceis, de longas distâncias. É o sentimento que defino carinhosamente de "sofrimento bom"."

Gaivota: "Sentimento de liberdade, de volta às origens, de bem-estar, descontração, anti-stress."

Ventania: "No fim da picada especificamente o sentimento de alegria no reencontro com os amigos conhecidos ou não; Surpresa quando desvendo novidades; Paz e alegria ao encontrar lugares bonitos, tristeza e raiva ao deparar-se com agressões; Solidariedade quando diante de alguma dificuldade coletiva; Respeito quando percebo a nossa pequenez.

Chuva: "É realmente muito emocionante a maioria das caminhadas. Primeiro, o contato com a natureza e o conhecimento de lugares q sempre fizeram parte da vida, os locais próximos de onde se mora. Eu q já valorizava, hoje respeito mais ainda e vejo o quanto tudo é bonito. O mundo é lindo! Mas não é preciso ir prô Havaí ou pra

> *Grécia, sei lá, pra ser feliz... (claro que eu gostaria, he he He!) mas aqui e muito bonito também. Todo lugar tem seu encanto!! E, é claro, as pessoas. É muito bom isso! Quase todo mês encontramos pessoas diferentes e as que se mantém, cresce a amizade. Já Fizemos encontros fora das caminhadas, saídas "paralelas", jantas, encontros em bares... a vida fica muito mais rica e ainda tem o lado da preguiça que diminui consideravelmente. Eu já sempre fui de "fazer" coisas, mas depois das caminhadas, tenho menos preguiça ainda, por exemplo, como sair num dia frio ou chuvoso... me fiz entender?"*

Estas respostas podem ser consideradas um tanto quanto ingênuas, se analisadas a partir de um olhar "racional". No entanto, também podem ser interpretados como reflexos do nosso *ethos* do cuidado e do emocionar, que uma experiência do contato direto com a natureza pode despertar, através da mudança do sentimento em relação ao outro, o diferente.

Já nas últimas questões tentou-se verificar se estes participantes percebiam algum tipo de relação do projeto "Fim da Picada" com a Educação ambiental e de que forma enxergavam que isso ocorria. Tais respostas foram unânimes em afirmar que existe sim, pois tal experiência desperta uma percepção mais aguçada do ambiente.

> *Gaivota: "É a velha história de que é preciso conhecer para preservar. Portanto, quanto mais se conhece o ambiente ao nosso redor, com suas belezas naturais – mas também constatando a presença cada vez maior de lixo - mais sentimos a necessidade de tentar reverter essa situação e lutar pela sua preservação. A educação ambiental está presente nesse sentimento de revolta e*

indignação com o desrespeito à natureza e no desejo de mudar esta situação."

Ventania: "Sim, é um projeto por natureza, de Educação Ambiental. O Fim da picada visa estimular a percepção ambiental dos humanos, do seu espaço urbano e rural. Enfim o ambiente como um todo. Usando transporte coletivo ou caronas, circulando por espaços habitados ou não. E principalmente permitindo uma reflexão do nosso papel nesse mundão. Através da caminhada individual de cada um, bem como da interação livre entre os participantes e o meio."

Chuva: "Acredito que sim. Pelo simples fato deste conhecimento destes lugares, passar por eles, já te dá uma "bagagem". Claro, que no início tínhamos mais participantes que são técnicos, biólogos, Eng. agrônomo, que passavam informações técnicas, e que deixava bem rica de informações as caminhadas. Mas confesso que curto muito também este lado "solto", sem muita explicação, porque educação é também respeito. E no momento em que as pessoas se interessam e participar deste projeto, e repito, conhecem melhor o espaço de onde moram, dificilmente deixarão de respeitar ou de perceber diferente de antes, ou seja, ficam mais educadas!!! Pelo menos é o q eu espero, penso e gostaria q fosse assim!!!! Obs.: o espaço onde moram, quero dizer o mais próximo da sua casa, mas isso deve refletir obviamente ao planeta, porque a terra é a nossa casa, né?"

Todavia, defendemos que neste tipo de vivência é possível sonhar, devanear, e assim todos os sentidos podem ser permeados pelo imaginário onírico. Portanto, o mundo que vemos é reflexo do nosso

próprio referencial interno, de nossas idéias dominantes, desejos e emoções, que constantemente podem ser (re)construídos, uma vez que a projeção faz a percepção. Desta forma é que sugerimos que a verdadeira trilha a ser percorrida é a de nós mesmos, a que pulsa frenética e insistentemente, dentro de cada um. Assim, concordamos com Lima (1998) que considera as experiências do contato direto com a natureza como espelhos posicionados estrategicamente para refletir a paisagem interior na exterior.

> "[...] Nós olhamos antes para dentro, decidimos o tipo de mundo que queremos ver e então projetamos esse mundo lá fora, fazendo dele a verdade tal como vemos, nós fazemos com que ele seja verdadeiro através de nossas interpretações do que estamos vendo." Apud. LIMA, pg.135(SCHUMAN, pg.93).

Portanto, também defendemos que neste processo desenvolvem-se percepções do ambiente, que nos permitem assumir uma conduta mais harmônica com os outros e com o restante da natureza, baseadas no despertar responsável, amoroso e cuidadoso, de habitar tanto nossa ecologia interior quanto exterior. É a partir da efetivação deste processo de sensibilização que propomos sermos capazes de ouvir a natureza para que a relação com o ambiente deixe de ser passiva. Afinal, "paz não é passividade".

Conforme Boff:

> "[...] a natureza não é muda. Fala e evoca. Emite mensagens de grandeza, beleza, perplexidade e força. O ser humano pode escutar e interpretar esses sinais. Coloca-se ao pé das coisas, junto delas e a elas sente-se unido. Não existe, co-existe com os outros. A relação não é de domínio sobre, mas de con-vivência. Não é pura intervenção, mas inter-ação e comunhão."(1999: pg.95)

Para finalizar, destacamos que os participantes que se deixam envolver por esta trilha da vida, vivenciam experiências em que a todo o

momento exercitam sua solicitude, cooperatividade e solidariedade em um espaço com potencial agregador, que se contrapõe aos espaços urbanos, que prezam pela segregação e exclusão. Este contato direto com a natureza é, portanto, impregnado de emoção, o que permite o desenvolvimento de significados tanto no plano individual e coletivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - CONSTRUINDO CAMINHOS, TRILHAS E RUMOS COM PEDRAS

Construindo caminhos, trilhas e rumos com pedras. Sim, nestes instantes finais da escrita dessa dissertação, descreverei alguns sinais de como fiz para seguir minha trajetória no mestrado mesmo diante das pedras que por alguns momentos da trilha atravancaram meu percurso. Qual o caminho a seguir quando a cultura, a formação acadêmica não são suficientes, para romper a paralisia da escrita? Diante do caos ambiental que estamos vivendo, por que acreditar nas trilhas como uma forma de criar um novo cosmos, onde nossos sonhos possam ter lugar e a esperança seja nosso devaneio.

Agora restam os últimos suspiros, o fôlego final pra findar essa trilha do mestrado rumo ao “Fim da Picada”. Esta caminhada, assim como tantas outras é frágil e pessoal. Muitos conservadores do rigor racionalista podem criticar um texto realizado dessa forma. No entanto, a forma acadêmica está presente no caminho, através do conteúdo (o quê, por quê, para quê e quando?), embora muitas vezes este tenha sido transgredido. Sangue, lágrimas, risos e fantasias estiveram presentes e foram compartilhados com amigos nesta trilha, cujo resultado foi a reafirmação de minha paixão pela vida, por uma pedagogia do cuidado e uma educação pelo sim. E por que não uma educação ambiental romântica?

Não temo mais como temia a um tempo atrás as criticas que possa vir a enfrentar. Criticas que eu mesma fazia! Meu propósito é compartilhar parte dessa caminhada em um curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental, onde fui desabrochando feito uma florzinha e bailando como uma dançarina enquanto “sonhava” desperta em minha casa onírica. Caminho que refiz junto a Victor Hugo em nossas últimas conversas (Anexo 5), demonstrando o eterno retorno, num fechamento do ciclo que realizei durante o mestrado para me constituir Ana educadora

Para transformar as pedras em estrelinhas brilhantes e iluminar, encantadoramente, o meu caminho, precisei de coragem para caminhar numa trilha que até então eu pensava não ser importante para realização deste estudo. A trilha de mim mesma, no caminho de dentro de mim. Precisei me reencontrar para poder acreditar e enxergar o meu trabalho. Acreditei nos meus sonhos e voei para fora de um mundo sem detalhes frio e superficial. Encontrei "Ana", romântica, bela, serelepe, que acredita no amor e no calor interior.

Esse processo que, hoje considero constante, tece minha formação de educadora ambiental que valoriza o humano e sua imaginação, seus sonhos. Porque somos seres, em essência, feitos do *ethos* do cuidado, pautados por um emocionar do amor, que através da carícia nos permite, sempre que quisermos, mudar nossas lentes, para enxergar e tocar a esperança, de uma outra possibilidade. Através desta mudança, as pedras que atravancavam o meu caminho, transformaram-se em luz, guiando meus passos pelo imaginário onírico dessa trilha dissertativa.

"Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.
Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.
Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.
Entre pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
dos meus versos."

Cora Coralina – Das Pedras[26]

[26] Disponível em WWW.blocosonline.com.br|literatura|poesia|p01|po10366.htm

Originariamente, todos faziam trilhas: os índios e depois deles os imigrantes. Fazer trilha é refazer o caminho dos meus antepassados imigrantes, na busca de seus destinos e do meu com eles. É refazer caminhos no meio do mato, construir suas casas e suas hortas. No Rio Grande do Sul, em zona de colonização alemã, como na cidade de Novo Hamburgo, fazer trilha é um ritual de retornar para as origens, um processo de reencantamento do lugar originário em que as pessoas vindas da Alemanha reconfiguram suas vidas, despertam a alma sonhadora de seus ancestrais.

Quem é urbano e foi educado desta maneira, não entende assim. Acha que a Educação Ambiental, centrada nos espaços urbanos, aos quais confere realidade, se efetiva somente em escrever sobre ações sociais amplas, que movimentam um grande contingente de pessoas na cidade. Porém, não consegue perceber os movimentos sutis, potencialmente educativos e transformadores de mundo que existem numa trilha, normalmente composta por um contingente pequeno de pessoas. Hoje sei que o recomeço de uma escrita começa com uma pequena letra, palavra, frase, parágrafo. Assim também são as trilhas, pois começam com um pequeno passo...

Quando estava terminando de escrever esta dissertação descobri a antropologia dos “mapas mentais”, focada em criar mapas mentais do dia-a-dia da rotina, dentro do caminho automático de nossas ações cotidianas. Quem sabe este trabalho que por hora se encerra possa ajudar as pessoas que o lerem a refazer seus mapas mentais, sintam-se despertadas de seus sonos de vigília, sonhem acordadas, queiram fazer uma trilha e apareçam em Novo Hamburgo para compartilharmos deste projeto de trilhas ambientais “Fim da Picada”. Sintam-se convidadas! anabananacomcanela@yahoo.com.br

REFERÊNCIAS

Andrade, Carlos Drummond de. **No meio do caminho**. Disponível em: <www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond04.htm>. Acesso em: 10 dez. 2009.

ARAÚJO, Daniel. Análise **de um curso de formação docente utilizando trilhas do jardim botânico de Porto Alegre\RS como espaço educador**. Dissertação (Mestrado em ensino de ciências e matemática) - Universidade Luterana do Brasil, Programa de pós-graduação em ensino de ciências e matemática, Canoas, Rio Grande do Sul, 2006.

BACHELARD, Gaston. **Estudos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BANDA SECOS E MOLHADOS. Disponível em: www.secosemolhados.com. Acesso em: 17 jan. 2010.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano-compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CORALINA, Cora. **Das Pedras.** Disponível em: <www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/p01/p010366.htm>. Acesso em: 10 dez. 2009.

COUSIN, Cláudia da Silva. **Trilhas e itinerários da educação ambiental nos trabalhos de campo de uma comunidade de aprendizagem**. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de pós-graduação em Educação Ambiental, Rio Grande, 2004.

FIUMARI JÚNIOR, Reinaldo. **Vivendo e aprendendo com as trilhas ambientais e os estratagemas de sobrevivência do cerrado e da mata atlântica**. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de pós-graduação em Educação Ambiental, Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

GOETHE, Johann Wolfgang, Von. **Os sofrimentos do jovem Werther.** Tradução de Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2006.

GUIMARÃES, Solange Terezinha de Lima. **Paisagens**: aprendizagens mediante as experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. Tese de livre docência. Rio Claro, São Paulo, 2007.

HEGENBERG, Leônidas. **Etapas da investigação científica**: observação, medida, indução. São Paulo: Ed. da USP, 1976.

HINO de Novo Hamburgo: Novo Hamburgo, meu Lugar. Disponível em: <www.camaranh.rs.gov.br/CamaraMunicipal_Simbolos_hino.asp>.
Acesso em: 20 maio 2010.

IRA, Shor; FREIRE, Paulo. **Medo e ousadia** - o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

LIMA, Solange T. Trilhas Interpretativas: a aventura de conhecer a paisagem, **Cadernos Paisagem**. Paisagens 3, Rio Claro, UNESP, n.3, p.39-44, maio/1998.

MATAREZI, J. Trilha da vida: (re)descobrindo a natureza com os sentidos. Ambiente e Educação – Revista de Educação Ambiental da FURG, Rio Grande(RS): Fundação Universidade do Rio Grande, v.5/6, p.55-67, 2000/2001.

.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Tradução de José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998.

_____; ZÖLLER, Gerda Verden. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MOVIMENTO Roessler para defesa ambiental. Disponível em: <www.roessler.org.br>. Acesso em: 17 jan. 2010.

MUSEU de Arte Scheffel. Disponível em: <www.scheffel.com.br/www2/casaschmitt.htm>. Acesso em: 20 maio 2010.

NASCIMENTO, Maria Vitória Élida do; ARAÚJO-DE-ALMEIDA, Elineí. Importância da realização de trilhas participativas para o conhecimento e conservação da diversidade biológica: uma análise da percepção ambiental*,* **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental,** Rio Grande, v. 23, jul. / dez. 2009. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/>. Acesso em: 15 abr. 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelllm. **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

OLIVEIRA, Thaisa Lemos de Freitas; VARGAS, Icléia Albuquerque de. Vivências integradas à natureza: por uma educação ambiental que estimule os sentidos. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental,** Rio Grande, v. 22, jan. / jul. 2009. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/>. Acesso em: 15 abr. 2010.

PASQUALETTO, Antonio; Melo, Emair Lucas. Trilha sensitiva no memorial do cerrado da Universidade Católica de Goiás. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental,** Rio Grande, v. 18, jan. / jun. 2007. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/>. Acesso em: 15 abr. 2010.

PRADO, Daniel Porciúncula. **A figueira e o machado raízes da educação ambiental no sul do Brasil**: práticas educativas e militância ambiental na perspectiva do cronista Henrique Luiz Roessler. Tese (doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de pós-graduação em Educação Ambiental, Rio Grande, Rio Grande do Sul, 2008.

PRONEA - Programa Nacional de Educação Ambiental. Ministério do Meio Ambiente. Brasília, 2005.

REVISTA AMBIENTE E EDUCAÇÃO, v. 5\6. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 1996.

ROESSLER, Henrique Luís. **O Rio Grande do Sul e a ecologia** - crônicas escolhidas de um naturalista contemporâneo. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloisa Turini (Orgs.). **Viagens à natureza**: turismo, cultura e ambiente. São Paulo: Papirus, 1997.

SILVA, Flávia Biondo da; CECCON, Simone; GÜNTZEL-RISSATO, Cíntia; SILVEIRA, Theomaris Reimann da; TEDESCO, Carla Denise; GRANDO, João Valdemar. Educação ambiental: interação no campus universitário através de trilha ecológica. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 17, jul. / dez. 2006. Disponível em: <http://www.remea.furg.br/>. Acesso em: 15 abr. 2010.

ANEXOS

Anexo 1. O Projeto “Fim da Picada” da ONG Movimento Roessler para Defesa Ambiental, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. (trecho retirado do sítio http://roessler.org.br/projetos/fim-da-picada/)

O que é o “Fim da Picada”?

Pequenas caminhadas pela região metropolitana de Porto Alegre, para descobrir os ecossistemas locais. Fauna e flora, vistas e aromas. Tão perto e tão longe dos urbanóides.

Quando?

No último sábado de cada mês, com saída marcada sempre para às 8 horas.

De onde sai?

O encontro do pessoal é na frente do obelisco na Praça 20 de Setembro, Centro de Novo Hamburgo.

O que preciso?

Como requisitos básicos salienta-se apenas o hábito de caminhar, embora a maioria dos roteiros até então percorridos tenham sido de esforço mínimo a médio. Para chegarmos lá, assim como em outros locais, utilizamos ônibus de linha e embarcamos munidos de lanches, água e muita disposição.

Como isso começou?

O projeto Fim da Picada iniciou suas atividades em março de 1998, em Novo Hamburgo. Integrantes do Movimento Roessler para Defesa Ambiental, apaixonados por longas, pequenas e médias caminhadas, além de subidas a morros, resolveram compartilhar suas trilhas e prazeres com a comunidade em geral.

Quem não gosta de apreciar a natureza de cima de um morro? Pois um Fim da Picada muito interessante foi no Morro das Cabras, em Sapucaia do Sul. Uma vez encontrado o local para a contemplação alguém lê um texto para meditação. O que nos remete a reflexão do local, do ser humano, das relações e da necessidade de mantermos sempre esta conexão com Gaia. A isto chamamos o nosso próprio sermão da montanha. Durante os meses mais quentes as opções oferecem a possibilidade de banhos, durante os quais já estivemos em Picada Verão, Poço Feio, Cascata São Miguel, em Dois Irmãos, Praia do Paquetá, em Canoas, Cascata do Chuvisqueiro, em Rolante, etc. Não há como não relaxar.

É um encontro com várias pessoas.

Uma caminhada que, às vezes requer um esforço físico incomum - porém - benéfico, uma parada para o lanche.

Soneca, reflexão e paz.

Muita paz e diversão.

Exemplo de um folheto divulgação das trilhas ambientais, "Fim da Picada", coordenada pela ONG Movimento Roessler

Anexo 2. Crônicas de Henrique Luís Roessler, publicadas no Suplemento Rural do jornal Correio do Povo. Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul.

FOGO DE PALHA

Um ano passou para a eternidade, depois da Exposição Florestal de Porto Alegre e do Dia da Árvore de 1957, festejado com tanto entusiasmo nas cidades do Rio Grande do Sul.

O objetivo educativo, porém, não teve a esperada repercussão nas classes rurais do interior, justamente as mais visadas, porque não houve continuidade na propaganda de proteção ás florestas e do reflorestamento.

Passada a festa, veio o grande silêncio em torno do assunto; morreu o interesse, como morreram as mudinhas plantadas nas praças e escolas.

Foi um fogo de palha, que apagou rapidamente.

Agora, nas vésperas da data consagrada à maravilha da natureza, desperta novamente a consciência de muita gente, que procura redimir-se dos pecados cometidos contra a árvore, a grande benfeitora da humanidade, decantada em discursos e poesias, fazendo mais uma vez o reflorestamento simbólico.

Em vez de dia de festa, devia ser um DIA DE LUTO pela floresta desaparecida, e deviam chorar de vergonha os que deixaram de cumprir o seu dever, especialmente aqueles que foram pagos ou obtiveram lucros e que cometeram o crime de omissão, nada fazendo.

O que não dá renda imediata, ninguém gosta de fazer.

Quem hoje em dia vai se lembrar do dia de amanhã?

Quem pensa em futuro remoto, daqui a 100 ou 200 anos, plantando árvores para gerações futuras colherem os frutos de seu trabalho, pela mentalidade atual é considerado louco.

Quando um madeireiro compra um mato para serrar, não quer saber se a derrubada faz cessar o abastecimento de água e a fertilidade de uma vasta zona; quando o construtor precisa de madeira, não pensa em reflorestamento para garantir o consumo no futuro; quando a dona de casa usa lenha no fogão, não se lembra que queima várias árvores pro ano.

Há um completo desinteresse pelas conseqüências das devastações das matas.

Nas minhas viagens vi que tudo corre de mal a pior.

Vi em todas as estradas caminhões-reboque levando madeira para os depósitos e portos de embarque.

Vi enormes balsas de tábuas e troncos descerem o Rio Uruguai e os navios carregarem madeira no porto da capital para o estrangeiro.

Vi os grandes cemitérios de torras e enormes pilhas de tábuas ao redor das serrarias.

Vi aproveitarem pinheirinhos tão finos, que davam somente 1 caibro.

Vi as serras mecânicas e os machados derrubarem árvores centenárias em poucos minutos.

Vi as matas devastadas pela queda dos troncos e pela passagem dos tratores, arrastando toras para os engenhos.

Vi inúmeras derrubadas não licenciadas e feitas em locais proibidos.

Vi o céu toldado da fumaça dos incêndios florestais e das queimadas de roças.

Vi de noite e o clarão das fogueiras e braseiros nas encostas e cumes dos morros.

Vi a fuga espavorida dos animais diante do fogo posto nos campos de pastagem.

Vi, enfim, destruição desenfreada, total, o “vale tudo” em toda parte, como se fosse muito natural, como se não existisse Código Florestal.

Mas não vi reflorestamento de pinheiros ou de madeira de lei.

É uma vergonha o que está acontecendo. Há completa irresponsabilidade.

Não será como o plantio simbólico de mudinhas pelos figurões ou crianças, nem como conselhos pela imprensa ou rádio, nem com recomendações às Prefeituras para criarem Parques Municipais, nem com cursos de redações e poesias ou de cartazes, nem com planejamentos e estudos, nem com conversa fiada que se corrigirá este grande mal do desflorestamento, porque já é tarde demais.

O assunto já tornou-se Caso de Polícia. A repressão precisa ser feita com energia e sem contemplações. E o replantio precisa ser obrigatório para os que abateram as árvores, especialmente para os que assinaram compromissos de replantio. Não há verba? Mas como, se há dinheiro para tantas coisas supérfluas e adiáveis. Falta pessoal? Não pode ser. Há tantos funcionários que certamente teriam prazer de lavrar a terra e plantar mudas florestais, para ganhar honestamente seus vencimentos. Assim não mais seria necessário pôr fora 700.000 mudinhas de eucaliptos, criadas numa Estação de Silvicultura e que passaram do ponto por falta de interessados na compra – como aconteceu no ano passado. Bem poderiam ter sido aproveitadas nas terras do Governo.

Quanto á Juventude Escolar, nossa esperança de um futuro melhor, devia ser ensinada a amar a terra, a floresta e a fauna por meio de um sistema pedagógico moderno, pondo-a em contato direto com a Natureza, especialmente tratando-se da mocidade das cidades, que geralmente fica presa em casa e assim não chega a conhecer a beleza de um mato crioulo.

A teoria pode servir muito, mas não há nada melhor do que a prática, que deixará recordações mais duradouras no espírito das crianças.

Levem-nas para dentro da mata, ensinando-as a distinguir as diferentes espécies de árvores pelas folhas, cascas e frutos; mostrem-lhes as minúsculas sementes, das quais se geram os gigantes das selvas, as orquídeas, musgos e cipós que cobrem os galhos, o sub-bosque com infinidade de arbustos, os capins as folhagens que cobrem o chão tapetado de folhas caídas que formarão o húmus fertilizante, os insetos, as borboletas e pássaros que povoam o mato. Expliquem-lhes no ambiente natural a utilidade da floresta virgem para a humanidade.

Arrumem um silvicultor ou simples colono para ensinar os jovens como usar a pá e a enxada, como preparar canteiros, como semear, regar, sombrear, arrancar inço, repicar mudinhas, enfim todos os cuidados culturais; como se prepara viveiros de mudas em caixas ou vasos, como se lavra a terra, se divide e estaqueia o terreno, se abrem as covas, se colocam os torrões com as mudas, se aperta a terra para fixá-los, na ocasião do transplante para o lugar definitivo.

Depois a capina, a substituição de mudas mortas ou fracas, o achego da terra à muda, etc., são ensinamentos de muito

interesse para a mocidade, e de maior proveito do que as Festas da Árvore.

Tudo isto deixaria impressões indeléveis na alma das crianças.

O ideal seria a criação de BOSQUES ESCOLARES, há muito sugeridos pela União Protetora da Natureza, que tantos benefícios já proporcionaram à Juventude de outros países, onde foram organizados e constituem fontes de saber, prazer e saúde para alunos e mestres.

O próprio Presidente da República está impressionado e preocupado com a anarquia no setor florestal, que assumiu proporções de calamidade pública e acaba de exigir do ministro da Agricultura a apresentação até o Dia da Árvore de um plano concreto sobre conservação dos restos florestais e de reflorestamento imediato e contínuo em grande escala. Muito bem, nunca é tarde demais para plantar árvores.

Finalmente o Pai da Pátria convenceu-se da realidade e agora quer vencer as dificuldades a qualquer preço, porque observou que a Campanha de Educação Florestal não produziu efeitos.

12.9.58 pags. 35\6

O SABIÁ E AS UVAS DE OTÁVIO ROCHA

Sob este título o "Correio do Povo" divulgou a "sensacional" notícia de que na localidade de Otávio Rocha, município Flores da Cunha, um agricultor, de nome ignorado, havia se queixado de que os sabiás teriam invadido seu parreiral e comido 3.000 quilos de uvas em 15 dias e que, para evitar futuros aborrecimentos com a fiscalização do Serviço de Caça e Pesca, não os matou, porque nesta época do ano é proibido caçar passarinhos.

Ouvindo comentários de pessoas menos avisadas, que acreditaram nessa monstruosa calúnia assacada contra o sabiá, cumpre-nos o dever de consciência de defender aqui esse estimado passarinho que devia ser eleito nossa "AVE DA PÁTRIA".

O sabiá foi consagrado na inesquecível poesia do grande maranhense Gonçalves Dias, quando esteve no exílio, com

saudades do Brasil distante, MINHA TERRA TEM PALMEIRAS ONDE CANTA O SABIÁ.

Como o maior cantor silvestre nacional, e o verdadeiro patriota, de sentimentos nobres, não compreende nossos campos e matos sem aquela voz maviosa tão característica da primavera, que dá vida e alegria à paisagem.

Nem tão pouco compreende como pode haver gente capaz de matar tão linda e útil ave pela cobiça das poucas gramas de sua carne.

No entanto o sabiá é a maior vítima dos "passarinheiros", embora seja protegido por lei.

Ele tem regime alimentar misto – come insetos e frutas.

Sabe procurar seu alimento predileto, insetos e minhocas, no chão, entre o folhedo caído no pomar, ajudando assim a aumentar as colheitas e, como recompensa por tão valioso trabalho que presta ao agricultor, come ás vezes uma laranja, um caqui, um figo, alguns morangos ou bagos de uva como sobremesa.

Mesmo havendo muitos sabiás num pomar ou parreiral, não chegam a causar estragos de monta, porque preferem as frutas que estão estragando de maduras ou já tombadas no solo, o que certamente já observaram todos aqueles que ainda não perderam o contato com a Natureza.

Ele come essas frutas cultivadas, porque cortaram todas as fruteiras do mato, entre elas a nossa belíssima figueira silvestre, que era paraíso da passarada no tempo da frutificação.

Fazendo as contas, só para argumentar, verifica-se que devia ter havido 2.000 sabiás no parreiral daquele viticultor para poderem comer 3.000 quilos de uvas em 15 dias, pois está comprovado que o sabiá não é capaz de comer 100 gramas de uvas por dia, que representam 40 bagos de Uva Isabel ou 25 bagos de Uva Moscato, conforme verificamos.

Ora, naquela terra, onde, como dizem, até existe uma rede de comunicações que transmite pelo telefone a entrada de um único sabiá e o rumo que tomou, para que se coloquem em posição na provável rota os inúmeros "matadores", de escopeta em punho, para derrubá-lo na passagem, o aparecimento de um enorme bando de 2.000 aves num único parreiral, onde há milhares, teria sido um milagre dos maiores do mundo, que certamente teria provocado até o

fechamento do comércio e da indústria, para que todos pudessem tomar parte na caçada e aquele vinhedo teria ficado arrasado a tiros de chumbo.

Estamos convencidos de que ninguém dos viciados teria deixado escapar a rara oportunidade de fazer tão formidável "passarinhada", mesmo sob risco da intervenção da fiscalização e conseqüentes multas e confisco das armas.

Outro problema – Como teria conseguido escapar ileso e suposto bando, numeroso como os gafanhotos, da barra de fogo no seu vôo até o centro da região de colonização italiana, que é Otávio Rocha?

Convenhamos, o absurdo da história é patente, deve ser uma invencionice ou um sonho dourado de "comedor de passarinhos".

É lamentável que se desconheça o nome do suposto prejudicado, para se verificar no local o que há de verdade.

Maiores estragos são produzidos nos vinhedos pela vaquinha da uva, inseto que come os brotos novos da vinha; pelos marimbondos, abelhas, ratos e gambás nos cachos maduros e pelas forças naturais, como geadas extemporâneas, vendavais e granizo, que ás vezes estragam o parreiral inteiro.

Contra todas essas calamidades ninguém se queixa; o único "culpado" de tudo é o pobre passarinho, que não pode se defender da calúnia.

Quanto a parte em que o queixoso diz que agüentou o prejuízo para não se incomodar com os fiscais do Serviço de Caça e Pesca, porque nesta época do ano é proibido matar os referidos passarinhos, cumpre-nos esclarecer mais uma vez que os sabiás ou quaisquer outras avezinhas canoras ou úteis à agricultura são protegidas durante todo o ano, não podendo ser mortos sob pretexto algum, porque "PASSARINHO NÃO É CAÇA".

7.3.58 pags. 103\4

ANIMAIS MORTOS NOS RIOS

Em recente viagem de fiscalização realizada pelos rios que deságuam no Guaíba, tivemos oportunidade de observar a grande quantidade de cadáveres de animais de grande porte presos nas tranqueiras marginais, que empestavam trechos dos cursos.

A água, já fortemente poluída pelos resíduos tóxicos industriais ficava assim melhor "temperada" pelos cadáveres em decomposição.

Também animais menores, como porcos, ovelhas, cachorros, gatos, galinhas, etc., abundavam, seguras nas moitas de sarandi e nos água-pés.

Verificamos também a existência de grande quantidade de buchadas de animais, carneados próximos aos rios e arroios, boiando nas águas.

Nosso povo, adepto da lei do menor esforço, quando receia o alastramento de alguma peste por parte dos urubus, costuma arrastar os animais mortos até as barrancas e rolá-los para dentro d´água, para não terem que enterrá-los.

Nas cidades, ensacam as crias de gatos e cachorros e as atiram n'água para afogá-las "humanamente". Tudo é lançado no rio, como se fosse lata de lixo ou esgoto cloacal.

Quando um cadáver de grande porte encalha nalguma praia de banho, "corre" por algum tempo com os banhistas, pela fedentina insuportável que espalha.

A periódica matança de peixes pelas águas envenenadas, fenômeno muito comum no verão ainda aumenta a mau cheiro da carniça.

A população ribeirinha, os embarcadiços etc. bebem esta água bruta, da qual cada caneca contém milhões de bacilos do Grupo Coli e de outras espécies violentas e alta porcentagem de toxinas, que geram doenças e podem provocar a morte.

E ainda não foi determinada nenhuma providência oficial de rigor para acabar com este mau estado de cousas.

Os rios estão com as margens desmatadas e águas turvas e contaminadas.

Há cem anos era bem diferente, como se pode deduzir da seguinte descrição:

O médico alemão Avé-Lallemant, viajou em 1858 pelo Rio dos Sinos, deixando este impressionante relatório:

“A viagem, de vapor, de Porto Alegre a São Leopoldo durou sete horas. Sete horas de navegação por um rio calmo, de águas verdes, de margens revestidas de grandes árvores, quase que cobertas de aves. A floresta se revestia de orquídeas, trepadeiras e musgos, que desciam em barbas sobre a água. Enquanto o vapor passa junto das margens e muitas vezes navega à sombra do mato, adeja, nas arejadas frondes, uma multidão de coloridas borboletas. Voam de galho em galho numerosos Martins pescadores”.

Hoje, desta beleza nada mais resta e nunca mais voltará: o “progresso” estragou o rio, as árvores foram cortadas e queimadas, as aves foram mortas, as águas verdes e límpidas ficaram turvas e podres, envenenadas e fedorentas.

É este o preço que a humanidade paga pela civilização e o progresso material: “A natureza é conspurcada e destruída onde o homem entra em ação”.

27.12.58 pags.136\7

RINHA DE GALOS

Na natureza, os galos selvagens só se batem valente e obstinadamente pela posse de alguma fêmea ou pelo pouso desejado.

Há cerca de três mil anos atrás, na Índia, donde os galos de briga são originários, os homens começaram a domesticá-los a treiná-los para as lutas. E o esporte, dos mais antigos, de lances violentos, empolgantes e sangrentos, se espalhou pelo mundo inteiro.

Na antigüidade os romanos, apreciavam os espetáculos onde corria sangue e as lutas mortais.

Na Inglaterra várias vezes as peleja foram proibidas e novamente licenciadas.

Na França o esporte galístico teve sua época de grande prestígio, mas atualmente está em decadência.

Na Espanha essas orgias de sangue são sumamente apreciadas, tanto como as tradicionais touradas.

Nos demais países da Europa o esporte não é apreciado.

Os norte-americanos gostam de combates rápidos e decisivos, mas em alguns Estados as rainhas de galos já foram proibidas.

Nos países da América Latina, inclusive o Brasil, há muitos aficcionados entre quaisquer classes sociais e culturais.

E onde há uma luta, sempre há uma multidão de torcedores, incentivando com gritos os seus galos prediletos, que se ferem de morte nas arenas.

Dizem que os galos brigam por instinto, mas sabemos que são treinados e armados pelo homem, que adapta junto aos seus esporões afiadas puas ou navalhas para melhor se dilacerarem as carnes e para se cegarem com maior facilidade.

São organizados torneios e campeia francamente o jogo com altas paradas, tanto nos terreiros particulares como nas arenas dos rinhedeiros organizados em Clubes, que funcionam em qualquer parte, embora as rinhas de galos sejam proibidas pelo Decreto n. 24.645, de 10\7\34 (Lei de Proteção aos Animais).

Mas, como muitas outras Leis do Brasil, também esta só existe no papel, para inglês ver, porque tem sido freqüentemente transgredida, sendo difícil serem infratores processados, porque as autoridades estão sobrecarregadas com delitos maiores e por se tratar apenas de pobres indefesos animais.

Consta que alguns rinhedeiros até pagam impostos para funcionar, portanto, se for verdade, o descumprimento da Lei até foi oficializado.

A Imprensa noticiou que em São Paulo as rinhas de galos foram proibidas pela autoridade policial e em Canoas há alguns anos foram fechados os rinhedeiros.

Por que não se generalizará esta campanha antigalista pelo Estado afora?

Mas o tempo passa e os hábitos se modificarão sob a ação renovadora da civilização. Os sentimentos de compaixão e caridade para com os animais estão se manifestando em maior escala.

As pessoas sentimentais e religiosas consideram as brigas de galos uma barbaridade, uma cousa repugnante, brutal, horrorosa, antipática à nossa formação moral.

Que diriam essas pessoas, se tivessem assistido ao que vimos por acaso no Interior do Estado? Atraídos por uma grande algazarra que partia dum barracão, chegamos a tempo de observar o dono do galo vencido na luta, por que o seu adversário lhe havia vazado ambos os olhos, agarrá-lo, louco de raiva, e arrancar-lhe a cabeça, asas e pernas e depois atirar o corpo no chão e pisoteá-lo até transformá-lo em massa sangrenta informe.

Depois, sob aplausos de seus companheiros, foi, com as mãos e roupa ensangüentados, ao botequim próximo, tomar um grande trago de cachaça.

Este horroroso bastou para nos revoltar.

Criar galos com todo o carinho, para depois judiá-los até a morte é indigno de pessoas civilizadas e só serve para destruir sentimentos nobres e brutalizar o caráter da juventude.

Falam em "humanizar" o esporte e contribuir com donativos para fins caritativos.

Mas como? Se é esporte ilegal que sempre será sangrento e produzirá prolongados sofrimentos nos lutadores? Humanizar de que maneira?

E pagar para fazer calar a oposição seria apenas entorpecer consciências com dinheiro sujo de sangue.

18.8.61 Pgs.181\2

FÉRIAS NA NATUREZA

Aproxima-se com a primavera o tempo dos piqueniques, fins de semana e férias.

O povo, saudoso da liberdade, se prepara para gozar, em contato com a natureza, ao ar livre, longe do barulho e nervosismo das cidades, nalgum sítio pitoresco das montanhas ou nas margens dos rios, um período de descanso.

Felizes são aqueles que possuem um barco e uma barraca, para acampar no mato, à beira dum curso d'água ou dum lago, em completo isolamento, para viver como no paraíso, o que representa o veraneio ideal.

Mas, sempre é grande a decepção, quando chegam e deparam nesses lugares preferidos com a já comum placa, que diz – "Proibido entrar e acampar".

Retiram-se desenganados, maldizendo os donos da terra, que procedem dessa maneira e viajam adiante, até encontrar outro lugar sem placa proibitiva.

É claro que não foi por aversão ao público ou por malevolência, mas, lamentavelmente, existem mui fortes motivos para justificar a decisão dos proprietários rurais.

A pedido de amigos da natureza desiludidos e despeitados, tomamos posição face a esta questão, agarrando o ferro em brasa, mesmo sob perigo de provocar ressentimentos.

“A culpa é dos Mal Educados” entre os excursionistas.

Os estragos produzidos por esses bárbaros sem peias, de qualquer idade e posição, são muitas vezes mais que irritantes.

A escala das indignidades vai desde arbustos e árvores cortados (ninguém deixa de levar o facão de mato, alguma arma, trampas e fundas), ninhos pilhados, orquídeas arrancadas, árvores queimadas na base, tiroteios a esmo, a caça no verão, o fogo florestal e às vezes coisas piores, como “avanços” nas roças e pomares próximos, causando milhões de prejuízos por ano.

Quando não existem clareiras nas margens dos cursos d’água, elas são feitas pela derrubada da vegetação arbórea, nos locais escolhidos. As estacas para barracas, bancos rústicos, varas e calões para pesca, espetos para churrascos, a lenha – tudo é retirado do mato alheio, sem licença do dono. Tais depredações freqüentemente também são feitas impensadamente por pessoas de poucas luzes ou por elementos que acham que o mato é bem comum, porque seus benefícios de regulador das águas, chuvas e clima interessam a todos e assim querem aproveitá-lo indiscriminadamente, ficando as barrancas dos nossos rios explorados centenas de metros terra adentro e o mato novo não mais se pode criar.

E o que sobra, quando é levantado o acampamento?

A pena se arrepia ao descrever o estado de miséria em que geralmente são deixados esses locais, antes tão bonitos e verdejantes.

Em toda parte detritos e sujeira, as cinzas das fogueiras, garrafas quebradas, cascas de frutas, papéis, caixas de papelão, latas vazias, carteiras e pontas de cigarros, restos de comida e excrementos e um horrível fedor empestando o ambiente.

Quando outros veranistas querem acampar no mesmo local e o encontram em tão deplorável estado de miséria, tocam adiante e se dão o trabalho de “limpar” outro acampamento no mato, dando início à nova devastação.

O que também incomoda muito os proprietários e as pessoas sensíveis, é o infernal barulho provocado por certos visitantes que, incapazes de se deleitar com o cantar dos pássaros, o chilrar dos grilos e das cigarras, o sussurrar das folhas nas copas das árvores, o marulhar da água e todas as maravilhosas vozes da natureza, além da algazarra e gritos, até ligam seu rádio portátil a todo volume.

Outros desencantos e aborrecimentos são provocados por elementos que se embebedam e começa a discutir e a brigar em altas vozes, sem medir os termos usados ou dão tiros à toa.

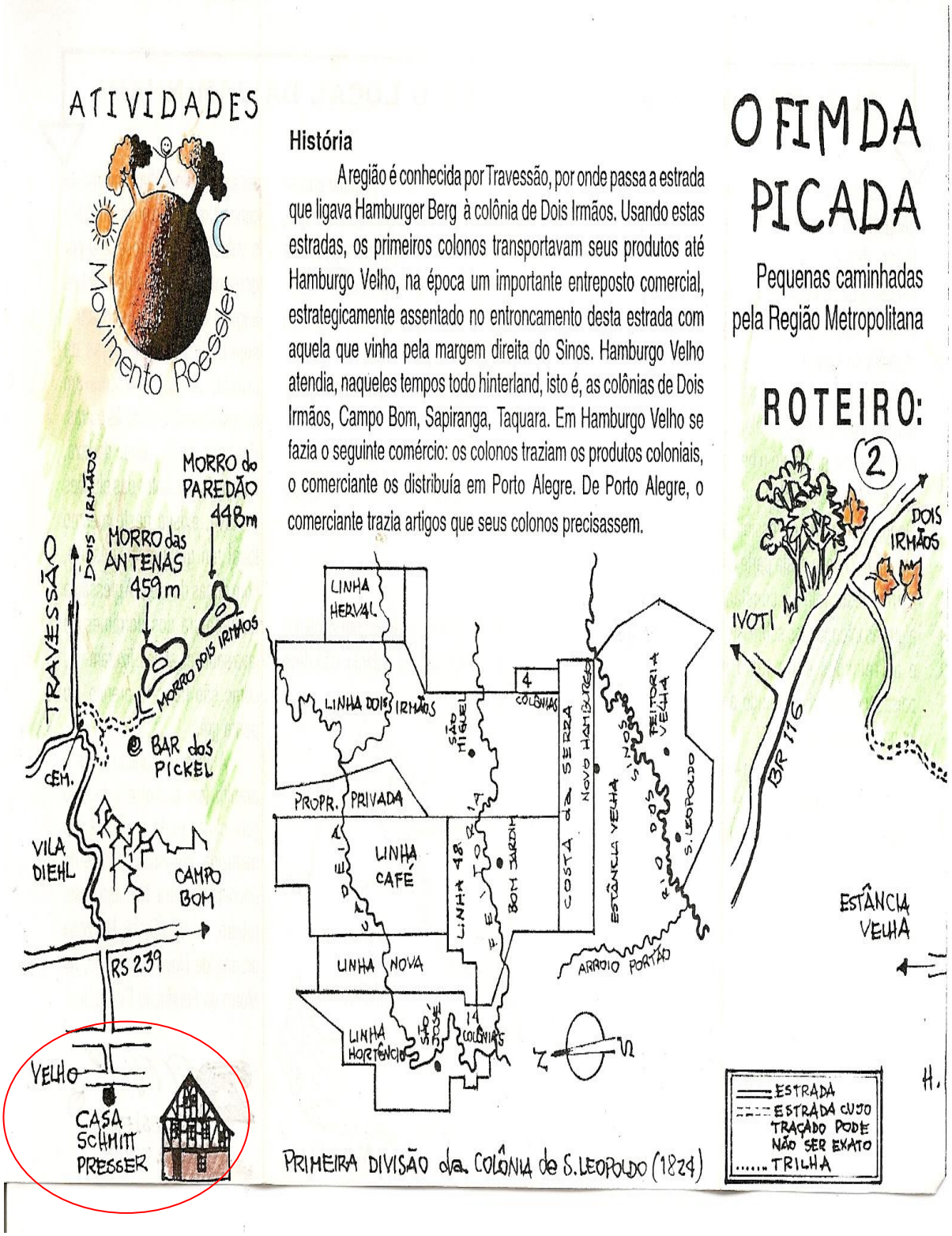
Lendo esta crônica, muitos compreenderão os proprietários, levados ao extremo de proibir a entrada e o abarracamento em suas terras.

A nós, da “União Protetora da Natureza”, não parece alvo inatingível, conseguir por meio de trabalho educacional sistemático, convencer o povo, que no mato, onde estamos apenas de visita, ninguém se comporte menos digno e civilizado do que entre suas quatro paredes ou na sociedade.

Isto conseguido, também desaparecerão as tão discutidas placas proibitivas.

1.9.59 Pgs. 211\2

Anexo 3. Folheto do projeto "Fim da Picada", apresenta através de ilustrações, não só o roteiro da caminhada, mas também um pouco da história dos colonos alemães, em Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul. Destaque para o atual Museu Casa de Schmitt Presser.



Anexo 4. Questionário semi-estruturado, aplicado aos participantes do projeto "Fim da Picada", entre o período de 2009 -2010.

1- Como você conheceu o movimento? Por que se interessou em participar do projeto? Quanto tempo participa do projeto? E desde então qual seu vínculo com o Movimento Roessler?

2 - Antes da participação do projeto das trilhas como era sua relação com o ambiente? Quando precisava resgatar sua natureza o que fazia? Onde andava?

3 - Quais os sentimentos, emoções evocados em você durante a experiência das trilhas?

4 - Você acredita que sua percepção, bem como sua relação com o ambiente e consigo mesmo tenha mudado após a participação no projeto? Explique?

5 - Você considera que existe algum tipo de relação entre o projeto "Fim da Picada" com Educação ambiental? De que maneira ocorre?

Anexo 5. Um diálogo de orientação virtual entre Victor Hugo (orientador) e Ana Paula (orientanda) – refazendo a trilha dissertativa do mestrado em Educação Ambiental, entre as 0:00 e as 4:00 da madrugada, numa trilha virtual pelo MSN.

filósofo onirico diz:
oi, acabo de chegar em casa

aninhamea@hotmail.com.br diz:
beleza

filósofo onirico diz:
bah
acabo de ler
sobre as corujas
ficou do ....%@*

filósofo onirico diz:
nas considerações iniciais fica massa imediatamente antes de começares a apresentação dos capítulos da dissertação
assim tu apresentas os teus bichos
é uma pena que não tenhas formação em filosofia
mas
mesmo assim posso te dizer uma coisa

filósofo onirico diz:
No Assim falava Zarathustra, o personagem desce da caverna para falar aos homens a Boa Nova
eles riem dele, debocham dele,
ele vem anunciar o advento do Além do Homem
aí ele volta para a montanha de onde saiu,
completamente frustrado de sua missão fracassada
e faz uma escolha drástica
vai conversar com os animais
vai fazer dos animais seus amigos
ele encontra o encantamento da vida no seu contato com os animais
foi isto que tu fizestes em toda a tua dissertação
um reencantamento da vida

aninhamea@hotmail.com.br diz:
ohhh, fico extasiada de sentimentos bons com essa tua fala

penso que do início esse sempre foi meu desejo
convidar as pessoas

aninhamea@hotmail.com.br diz:
para se encantarem com as belezas do mundo e de nós mesmos
aqui vivo na companhia dos passarinhos
um casal de sabiazinhos fez um ninho na varanda da casa
acho que é anuncio de felicidade!!
vidas nascendo

filósofo onirico diz:
Ana!!!!!
tive uma idéia agora
estas aí?

filósofo onirico diz:
vamos colocar nas considerações finais esse nosso diálogo

filósofo onirico diz:
tipo Paulo Freire e Irah Shor

aninhamea@hotmail.com.br diz:
massa, então vou copiar nosso diálogo

filósofo onirico diz:
acho que assim fecha o ciclo
fecha o círculo

filósofo onirico diz:
Nietzsche fala do Eterno Retorno
estás convidando o leitor a fazer o eterno retorno das trilhas de tua existência, que agora te constituem como educadora ambiental
para que ele se reencante com a vida
Ana!!

filósofo onirico diz:
teu mestrado teve três movimentos distintos
primeiro, teu encantamento de vida.

filósofo onirico diz:
era uma criança cuja ingenuidade não estava madura
uma ingenuidade que está aberta a ser soterrada pelas pedradas
a ser desmanchada pelas palavras de professores e colegas que também estão em formação como educadores ambientais

depois.....

filósofo onirico diz:
segundo, teu desencantamento através da fala da professora, que encontrou eco em tua alma racional
o que ela disse não teria tanta importância hoje, como teve naquele momento inicial de tua entrada no mestrado

filósofo onirico diz:
é que naquele momento, como uma boa orientanda minha, que me escolhe para ser teu orientador, tu achavas que não precisavas de mim para te orientar. Que ias matar no peito qualquer pedrada, com teus espinhos de rosa do Pequeno Príncipe

filósofo onirico diz:
por isso passastes dois anos sem me contar nada do que aconteceu
achando que a imagem de terror que criastes dentro de ti sumiria, como que por encanto, estavas paralisada em tua própria trilha

filósofo onirico diz:
essa Ana desencantada, que fugia de mim e se escondia em si mesma eu vi....
precisastes passar por isso... como precisastes
para perder a arrogância, a idéia de que um educador ambiental é um ser solitário que vai ensinar aos demais o que eles não sabem
que vai conscientizar os outros de um mundo que eles não conhecem
uma via de mão única.....

aninhamea@hotmail.com.br diz:
foi preciso ajuda para decantar as frustrações, e hoje minha trilha é repleta de seres encantados

filósofo onirico diz:
eu sei.... como sei
mas devagar
vamos a ela
terceiro momento, o reencantamento de teu mestrado e consequentemente, de tua vida
te lembras como começou.... quando começou?

filósofo onirico diz:

me acompanhas nesta trilha?

aninhamea@hotmail.com.br diz:
com prazer

filósofo onirico diz:
tua colega e amiga Flávia estava terminando sua dissertação de mestrado, sob minha orientação..... e teve de retornar a Rio Grande para finalizarmos o texto juntos

filósofo onirico diz:
estávamos no Hotel Atlântico lendo o texto e compondo novos parágrafos... isso tudo acontecendo enquanto eu estava tendo aula no meu curso de Pós-Graduação em Psicologia Transpessoal, da Unipaz...
estava entre assistir a aula e orientar a Flávia...
bem
quando encerramos os trabalhos daquele dia pedi para a Flávia fazer uma trilha comigo....
já era noite....
noite na Praia do Cassino...
eu pedi que ela me levasse até a tua pessoa

filósofo onirico diz:
e fomos de Bizz amarela, com abelinhas na carenagem para nos acompanharem...

filósofo onirico diz:
Eu te disse: O teu orientador não veio. Eu vim no lugar dele para saber como estavas e contar para ele.
Isso, eu queria te desarmar...
para que tu me recebestes em tua casa como amigo...

aninhamea@hotmail.com.br) diz:
e nós três juntos
apreciamos um chá de morango com muitas estórias e risadas, e depois daquele encontro fui até você na FURG para receber sua orientação

filósofo onirico diz:
eu sei
quando entrastes no NUPEEO fiquei feliz e assustado com tua aparição.... porque, a partir daquele momento, teríamos de reinventar toda a nossa relação de orientação.
academicamente eu já tinha te orientado,
estavas com teu notebook na mochila, o abristes diante de

mim, a partir de minha solicitação e eu te disse... escreve Ana, escreve...
e tu me dissestes: escrever o que? eu não consigo escrever....
lembras?

aninhamea@hotmail.com.br (E-mail Address Not Verified) diz:
ohhh, lembro sim

filósofo onirico diz:
ai eu te disse.... agora tu fica bem quietinha na frente do notebook que vamos praticar o Sonen com os teus antepassados e vou te ministrar Johrei... e, para minha surpresa, me calei.
Fiquei praticando o Sonen e te ministrando Johrei em silêncio, de modo contrário a qualquer orientação acadêmica... estava te orientando em silêncio....
lembras?

aninhamea@hotmail.com.br diz:
como não lembrar

filósofo onirico diz:
e o que aconteceu depois de 20 minutos, Ana?

aninhamea@hotmail.com.br diz:
eu estava a escrever

filósofo onirico diz:
e eu em silêncio,... Sonen e Johrei....
te lembras que tuas lágrimas escorriam de teu rosto

filósofo onirico diz:
e me dizias que ias parar de escrever.... ao que eu te respondia: não para Ana... continua

aninhamea@hotmail.com.br diz:
eu tentava resistir

filósofo onirico diz:
escreve sobre o momento em que a professora proferiu aquelas palavras....
mas não olha isso com rancor, nem com ressentimento....
agradece a ela pela oportunidade que tivestes de compartilhar com ela os teus sonhos....
supera este sentimento e vai adiante em tua trilha em busca de ti mesma...

lembra?
voltei a ficar em silêncio, as lágrimas escorriam de teu rosto...

filósofo onirico diz:
foram 3 horas Ana... Três horas e Johrei e Sonen...
e oito lindas páginas foram escritas de um vez só

filósofo onirico diz:
te lembras o que aconteceu com o teu sentimento no fim daquelas três horas?

filósofo onirico diz:
eu estava te ministrando Johrei e tu virastes teu rosto para mim e abristes um lindo e inesquecível sorriso... um sorriso de criança

filósofo onirico diz:
este foi o começo de teu terceiro momento Ana

aninhamea@hotmail.com.br diz:
eu entrei uma Ana e sai outra
confiante
saltitante
voltei a bailar, poesia em movimento

filósofo onirico diz:
é que tu tinhas feito trilhas físicas,
no PPGEA fizestes trilhas acadêmicas
e naquele dia estavas fazendo trilhas espirituais
conscientemente

filósofo onirico diz:
para chegar até o momento de construção final e defesa da dissertação, como agora

aninhamea@hotmail.com.br diz:
agradecida

filósofo onirico diz:
eu que te agradeço pela permissão de te orientar